

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

FORMAS DE TRATAMENTO NO FALAR DE FLORIANÓPOLIS

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA À UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SANTA CATARINA PARA A OB-
TENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM LINGUÍS-
TICA.

MYRIAM PEREIRA BOTELHO RAMOS

FLORIANÓPOLIS

1989

FORMAS DE TRATAMENTO NO FALAR DE FLORIANÓPOLIS

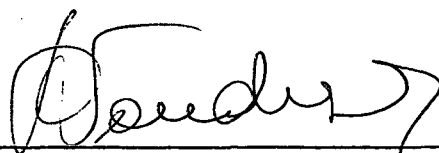
MYRIAM PEREIRA BOTELHO RAMOS

ESTA DISSERTAÇÃO FOI JULGADA ADEQUADA PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE

MESTRE EM LETRAS

ESPECIALIDADE LINGÜÍSTICA - E APROVADA EM SUA FORMA FINAL PELO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO.

Solange de Azambuja Lira
Orientadora

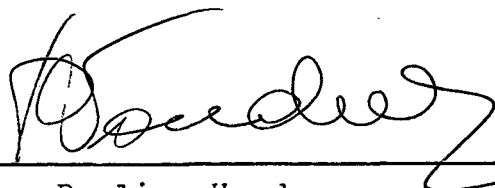


Paulino Vandresen
Co-Orientador

M. Marta Furlanetto

Maria Marta Furlanetto
Coordenadora do Curso

BANCA EXAMINADORA:



Paulino Vandresen



Hilda Gomes Vieira

O. A. Furlan

Oswaldo Antônio Furlan

A DEUS, por tudo o que consegui
realizar até o momento.

AGRADECIMENTOS

A meus pais, pelo carinho e apoio a mim dispensados durante toda a minha vida.

A meu marido, pelo incentivo e compreensão demonstrados ao longo deste curso.

Aos professores, pela dedicação com que nos transmitiram seus conhecimentos.

À CAPES, pelo apoio financeiro, sem o qual não me seria possível a conclusão deste curso.

RESUMO

Esta dissertação consiste no estudo das formas de tratamento referentes à 2ª pessoa do singular usadas pelos ilhéus florianopolitanos da zona urbana. Seguindo o modelo de pesquisa sociolingüística desenvolvido por Labov (1972), são levantados condicionadores sociais e lingüísticos relevantes na escolha das formas. Os resultados mostram a presença da forma VOCÊ - incorporada ao dialeto ilhéu. Também atestam a preferência dos falantes pelo uso do grau zero de tratamento que consiste na omissão do pronome sujeito de tratamento. Esses fatos evidenciam que o tratamento na Ilha de Santa Catarina não é caracterizado por um sistema binário, como se acredita.

ABSTRACT

This dissertation consists of the study of the forms referring to the second person singular used by the islanders of Florianópolis. According to the model socio-linguistic survey developed by Labov (1972), there are social and linguistic factors relevant to the choice of second person pronouns. The results show a presence of a third second person singular form incorporated into the island dialect. They also show a preference on the part of the speakers to omit the subject pronoun. These facts make clear that second person pronoun usage on the island of Santa Catarina is not characterized by a binary system as believed.

SUMÁRIO

Página

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I - O TRATAMENTO COMO FOCO DE PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA	3
1. Introdução	3
2. A Pesquisa Sociolingüística	3
3. Formas de Tratamento: Revisão Bibliográfica	6
3.1. O Trabalho Pioneiro de Brown & Gilman (1960)	6
3.2. Trabalhos Baseados no Estudo das Formas de Tratamento Feito por Brown & Gilman (1960)	9
3.3. Formas de Tratamento em Línguas Orientais e Européias	12
3.4. Formas de Tratamento no Mundo de Fala Portuguesa	17
3.4.1. Formas de Tratamento no Brasil	20
3.5. Visão Tradicional do Tratamento	22
Notas	25
CAPÍTULO II - METODOLOGIA EMPREGADA	26
1. Introdução	26
2. A Comunidade Estudada	27
3. Os Informantes	28
4. A Entrevista	29
5. Elicitação dos Dados	30
5.1. O Teste	31
5.2. Orientação	32
6. Condicionadores Sociais e Lingüísticos	33
6.1. Condicionadores Sociais	33
6.2. Condicionadores Lingüísticos	34

7. Considerações Críticas	34
Notas	35
CAPÍTULO III - O USO DAS FORMAS <u>TU</u> E <u>VOCÊ</u> EM FLORIANÓPOLIS	
LIS	36
1. Introdução	36
2. O Caso do Tuteamento (emprego do tu)	37
3. Na Literatura	37
4. O Ensino do Tratamento nas Escolas	42
5. Opinião dos Informantes sobre as Formas	43
Notas	47
CAPÍTULO IV - ANÁLISE DOS DADOS	
1. Introdução	48
2. Formas de Tratamento	49
2.1. Pronome Tu	50
2.2. Pronome Você	53
2.3. Grau Zero da Forma de Tratamento	53
2.4. A Forma Senhor	54
3. Condicionadores Linguísticos	55
3.1. Formas de Interpelação	55
3.2. Formas de Mitigação	59
3.2.1. Mitigação Sintática	59
3.2.2. Mitigação Externa	60
4. Condicionadores Sociais	63
4.1. Escolaridade	63
4.2. Faixa Etária	64
4.3. Sexo	66
4.4. Situação	68
4.5. Escolaridade e Padrão Social	70

5. Considerações Finais	74
Notas	76
CONCLUSÃO	77
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	80
ANEXOS	84

INTRODUÇÃO

O propósito deste trabalho é apresentar as formas de tratamento-sujeito relativas à segunda pessoa do singular usadas na zona urbana de Florianópolis.

Sabe-se que no português do Brasil existe um sistema binário em que o TU ou VOCÊ é usado para indicar solidariedade ou intimidade, e SENHOR ou SENHORA é usado para indicar poder ou não intimidade. Entretanto, levantamos a hipótese de que há um sistema ternário em Florianópolis com o uso do TU, VOCÊ e SENHOR-SENHORA.

Acreditamos que fatores sociais como sexo, faixa etária, contexto situacional e nível de escolaridade possam determinar a escolha do pronome de tratamento.

São apresentadas as formas de mitigação e interpelação como possíveis condicionadores lingüísticos.

Os dados foram elicitados através de entrevistas gravadas com informantes florianopolitanos, residentes no centro urbano desde o nascimento.

Baseamo-nos no modelo de pesquisa sociolinguística desenvolvida por Labov (1972) e procuramos identificar os fatores sociais e linguísticos responsáveis pela realização das formas de referência TU, VOCÊ e SENHOR no discurso do florianopolitano. Concentramos especial atenção ao uso das formas TU e VOCÊ, pois acreditamos que esteja havendo uma certa competição entre elas em termos de uso pelos ilhéus.

Nosso interesse no assunto deve-se ao fato de termos constatado que o estudo sobre tal matéria não foi ainda realizado na Ilha de Santa Catarina. Além disso, o fato de os ilhéus não estarem cientes, muitas vezes, do uso da forma VOCÊ no seu próprio discurso levou-nos a considerar o assunto.

Esta dissertação compõe-se de quatro capítulos. O primeiro capítulo abrange trabalhos de literatura sociolinguística sobre formas de tratamento em várias línguas, inclusive no português do Brasil, e apresenta a visão tradicional do tratamento. O capítulo dois diz respeito à metodologia empregada na coleta de dados. O uso das formas TU e VOCÊ em Florianópolis será assunto do capítulo três, que inclui também depoimentos de informantes referentes ao uso dos pronomes. Os dados coletados são apresentados e analisados no Capítulo quatro.

Naturalmente, não se intenciona apresentar um trabalho isento de limitações, mas nosso desejo é contribuir de alguma forma para que novos caminhos sejam abertos à pesquisa da ciência sociolinguística.

CAPÍTULO I

O TRATAMENTO COMO FOCO DE PESQUISA SOCIOLINGÜÍSTICA

1. Introdução

Este capítulo objetiva fazer uma revisão de estudos sociolingüísticos que focalizam os pronomes de tratamento em várias línguas e no português do Brasil. Muitos desses estudos foram baseados nas proposições de *Brown & Gilman (1960) que investigaram o uso dos pronomes de segunda pessoa em termos dos conceitos de poder e solidariedade, convencionando-os como formas de tratamento cerimonioso, por um lado, e familiar, por outro. Poderemos apreciar seu trabalho na seção 3.1 com mais detalhes.

A questão relativa ao tratamento "tem sido muito discutida, por lingüistas e outros, tanto em si mesma, quanto como exemplo de uma gama mais ampla de distinções culturalmente determinadas em línguas diferentes."¹

2. A Pesquisa Sociolingüística

Consciente da importância da relação existente entre lín-

gua e sociedade, William Labov (1972), insistindo neste tema e na possibilidade de se sistematizar a variação própria da língua falada, desenvolveu um modelo de análise lingüística-rotulado por alguns de "sociolingüística quantitativa", visto operar com números e estatísticas dos dados coletados - que se apresenta como uma reação ao modelo gerativo que negligencia o componente social. Na verdade, parece claro que não se pode entender o mecanismo da variação lingüística sem que se faça um estudo sério dos fatores sociais que motivam a evolução lingüística. O próprio Labov, em seu primeiro estudo, de 1963, sobre o Inglês falado na Ilha de Martha's Vineyard, no Estado de Massachusetts (USA), pôde constatar que a língua pode ser fator de extrema importância na identificação de grupos, como também uma possível maneira de demarcar diferenças sociais no seio de uma comunidade.

O modelo de pesquisa laboviano vem mostrar que não há necessidade de se coletar dados de um número extenso de falantes para se poder descrever um quadro representativo de uma forma lingüística em variação dentro da comunidade em questão. Havendo cinco informantes em cada célula da pesquisa, e produzindo, cada um, cinco a dez ocorrências da variável em estudo, fica garantida a representatividade da amostra do pesquisador. Faz-se necessário, porém, que, na coleta de dados, o pesquisador consiga minimizar ou neutralizar o efeito negativo causado tanto pela presença de um gravador, por exemplo, quanto por sua própria presença como elemento estranho à comunidade. Desta forma, evitará interferências na naturalidade da situação de comunicação. Este é o propósito do método de entrevista sociolingüística (ver sobre o assunto Labov, 1972 e Tarallo, 1985).

Alguns passos são importantes na pesquisa sociolinguística, e o êxito do pesquisador dependerá de sua obediência a eles. O primeiro diz respeito ao levantamento dos condicionamentos linguísticos que, de fato, sejam relevantes no uso da variável a ser estudada.

Tendo conhecimento de tais condicionamentos, o pesquisador pode, então, levantar hipóteses e submetê-las à análise, o que lhe permitirá fazer o encaixamento da variável no sistema de relações sociais e linguísticas. Neste segundo passo poderão ser considerados os fatores sociais tais como sexo, faixa etária e classe social.

O passo seguinte consiste na avaliação da variável pelo informante, através de testes específicos realizados com o intuito de comparar as reações subjetivas do falante em relação à variável e às formas usadas por ele na entrevista.

O próximo passo levará o pesquisador à busca dos caminhos percorridos pela variável a partir de um estágio anterior. Deverá buscar respostas que expliquem o porquê, quando e onde determinada mudança ocorreu.

Como podemos perceber, trata-se de um trabalho muito interessante que permite ao pesquisador sociolinguista desenvolver muitos estudos dentro de determinada comunidade. No entanto, devemos considerar que nem sempre é possível abranger todos os passos num único trabalho de pesquisa. Daí a necessidade de se acrescentar novos estudos que possam dar continuidade aos já realizados, e que contribuam para ampliar a visão desses elementos, cobrindo as lacunas que devam ser preenchidas.

3. Formas de Tratamento: Revisão Bibliográfica

As pesquisas a serem relatadas nesta seção foram selecionadas por serem relevantes ao tema de nosso trabalho, pois enfocam exclusivamente o fenômeno do tratamento-sujeito referente à 2ª pessoa do singular.

Iniciaremos apresentando o trabalho de dois psicolinguistas norte-americanos (Brown & Gilman), que serviu de base para os estudos que serão mostrados na seção 3.2, especialmente.

Em seguida, mostraremos o trabalho de outros pesquisadores, o que nos permitirá notar diferenças e semelhanças entre algumas línguas no que tange às formas de tratamento.

Apreciaremos algumas pesquisas que focalizam, especificamente, o tratamento no Brasil.

Finalmente, terminaremos avaliando o pensamento de gramáticos e linguistas, observando, desta forma, a visão tradicional dada ao tratamento.

3.1. O Trabalho Pioneiro de Brown & Gilman (1960)

Com o trabalho "THE PRONOUNS OF POWER AND SOLIDARITY", Brown & Gilman abriram caminho para que o estudo sobre o tratamento fosse realizado.

O trabalho foi baseado em um estudo das formas de segunda pessoa "T" e "V" (TU e VOUS em francês, ou seus equivalentes em outras línguas). O uso dos símbolos "T" e "V" foi utilizado por causa das respectivas famílias morfológicas às quais as formas pertencem em muitas línguas."² São abreviaturas das formas TU e VOS do latim, propostas pelos autores, denotando tratamento

familiar (T) e cerimonioso (V).

O método principal utilizado pelos pesquisadores para obter dados foi um questionário contendo itens referentes ao uso de pronomes singulares de tratamento. Além dos questionários, reuniram dados coletados de histórias de línguas genéricas, com ênfase centrada na mudança fonética. Também se apoiaram em teses e dissertações de doutoramento, utilizaram obras literárias, analisaram documentos legais e estudaram algumas cartas.

O estudo mostra que em muitas línguas o interlocutor pode escolher duas formas de tratamento para se dirigir ao seu interlocutário. Esta escolha é determinada por dois fatores, ou duas dimensões, que, para os autores, são fundamentais à análise de toda vida social: 1. DIMENSÃO DE PODER, ou seja, uma pessoa exerce poder sobre outra na medida em que é capaz de controlar o seu comportamento. Tal poder pode ser manifesto através de força física, status econômico, idade, sexo, etc. Esta dimensão implica no uso assimétrico de tratamento, quando o falante dominante usa T e recebe V como resposta. 2. DIMENSÃO DE SOLIDARIEDADE - abrange uma nova série de relações que são simétricas, pois sendo caracterizada pelo fator de intimidade entre os interlocutores (devido a laços de parentesco, amizade etc.), permite o uso recíproco da forma de tratamento.

A origem das formas T e V, como marcas de familiaridade e formalidade, encontra respaldo no Império Romano que, após ter sido dividido em duas partes, enfrentou alguns problemas advindos da necessidade de preservar a unidade entre ambas. Para resolver o caso, foi estabelecido que as pessoas que se dirigissem a qualquer dos imperadores deveriam empregar a forma VOS, já que estariam, na verdade, falando a ambos. Ao mesmo tempo

estariam se dirigindo a um superior, detentor do poder; fato este que tornou o emprego de V um signo de deferência. Por conseguinte, os grandes passaram a empregar mutuamente o V, que passou a tornar-se, então, marca de igualdade. Em relação aos inferiores, no entanto, usavam T e recebiam V. Este uso assimétrico passou a indicar diferença de poder.

Cabe ressaltar que o emprego mútuo de T e o emprego mútuo de V, assinalando igualdade, denotavam solidariedade e familiaridade (T) ou infamiliaridade (V).

Durante o período medieval e por muitos anos, este uso assimétrico de tratamento continuou a imperar.

Em tempos modernos, no entanto, esse quadro apresenta mudança, uma vez que a semântica da solidariedade tem se expandido. Assim, relações do tipo: mais velho que, pai de, mais nobre que e mais rico que, são agora reinterpretados em termos de similaridade: mesma idade que, mesma família que, com a mesma renda de, o mesmo tipo de ancestral que.

Nas palavras de Lyons, esse declínio do uso não-recíproco V-T "pode ser explicado historicamente em parte pela propagação de atitudes mais igualitárias ou democráticas nas sociedades ocidentais, e em parte pela importância crescente do fator solidariedade, marcada não simplesmente pelo uso recíproco como tal, mas particularmente pelo uso recíproco do T."³

Embora tal consideração receba total crédito, há de se considerar a existência de normas não-recíprocas de tratamento no contexto social dessas sociedades. Na América e Europa, por exemplo, há formas de tratamento não-recíproco usadas por todas as díades de poder assimétrico: frequês e garçon, professor e

aluno, pai e filho, empregador e empregado. Desta forma, não se pode descartar a idéia de que diferenças de poder existem mesmo em sociedades democráticas, pois existe um residual da relação de poder onde o direito de iniciar o uso recíproco do T pertence ao membro da díade que detém maior poder. É imputado a este o direito de permitir ou não o emprego da forma solidária; em outras palavras, cabe a sugestão quanto ao uso da forma a ser usada, do mais rico para o mais pobre, do empregador para o empregado, do nobre para o plebeu e da mulher para o homem.

3.2. Trabalhos Baseados no Estudo das Formas de Tratamento Feito por Brown & Gilman (1960)

Slobin (1963) investigou a semântica das relações sociais subjacentes ao uso dos pronomes de segunda pessoa em Yiddish, como era falado na Europa Oriental antes da segunda guerra mundial.

Constatou que o Yiddish apresenta dois pronomes de segunda pessoa: o singular DU e o plural IR. Semelhantemente às primeiras formas do alemão, IR (cf. IHR) pode ser usado como um pronome singular de tratamento quando dirigido a um único indivíduo, distante do falante, tanto em termos de dimensão de solidariedade quanto de status, e também pode ser utilizado em seu uso normal, quando o falante se dirige a dois ou mais indivíduos, independente de sua relação social com eles. O autor verificou que o uso é gramaticalmente análogo ao uso do TU e VOUS do francês, ao TY e VY do russo e de outras línguas.

Preocupou-se com o uso do DU e IR em situações de díades, em que o falante se depara com um único indivíduo e deve deci-

dir qual dos dois pronomes é apropriado.

Examinados os dados, o pesquisador chega à conclusão de que o status prevalece sobre a solidariedade na semântica de pronomes de tratamento no Yiddish. Conclui que o quadro geral assemelha-se ao apresentado por Brown & Gilman sobre a Europa do século XIX, conservando a situação de tratamento não-recíproco. Constatou também, que o "universal lingüístico", proposto pelos autores, foi novamente tido como verdadeiro.

Lambert (1967) objetivou, em seu estudo, examinar as formas de tratamento usadas pelos canadenses em seu relacionamento social. Questionou a generalidade e universalidade das conclusões de Brown & Gilman concernentes à mudança, através do tempo, do uso não-recíproco para o uso simétrico de tratamento, visto ter descoberto em sua pesquisa, ser comum ouvir a respeito de pais que usam TU com seus filhos e recebem VOUS como resposta no Canadá-francês.

Através de um questionário, Lambert colheu os dados e pôde constatar dois exemplos de uso assimétrico de formas de tratamento: com os avós e com os pais (neste último caso, se pertencem à família de classe social baixa). O uso recíproco da forma TU se dá no relacionamento com companheiros, amigos, enquanto o recíproco VOUS é usado se os interlocutores são distantes socialmente (por exemplo: professores, padres, estranhos).

Os resultados obtidos em sua análise indicam que há uma relação muito forte entre a origem sócio-econômica e as formas de tratamento usadas. As famílias de classe social elevada encorajam o uso recíproco do TU entre pais e filhos, e os de classe baixa incentivam o uso não-recíproco do VOUS na comunicação com seus filhos.

Brown & Ford (1961) pesquisaram as regras semânticas que governam as formas de tratamento no inglês-americano. Para descobrir as regras, reuniram dados colhidos de peças americanas modernas, do uso do tratamento numa firma de negócios em Boston, em questionários e através de gravações. As formas mais comuns encontradas foram o uso do primeiro nome (FN em inglês) e o uso de um título com o último nome (TLN). Estas formas funcionam em três tipos de padrão de conversação: o mútuo TLN, o mútuo FN e o uso não-recíproco de TLN e FN. Os autores relatam que a distinção semântica entre os dois padrões mútuos está na dimensão de intimidade sendo o mútuo FN a forma mais íntima dos dois padrões. Quanto à forma não-recíproca, há dois tipos de padrão que podem regê-la: diferença de idade (crianças usam TLN com os adultos e recebem FN) e diferença de status ocupacional (patrão e empregado, por exemplo). Algumas formas variantes de tratamento como apenas o título, o último nome e o uso de nomes múltiplos são encaixados em um modelo que tende a descrever a progressão temporal de tratamento que vai desde o conhecimento à amizade. Cada novo passo em direção à amizade é, neste modelo, iniciado pela pessoa de status superior.

Paulston (1973) teve como propósito em seu trabalho, descrever as formas de tratamento em sueco e o padrão de seu uso.

Os dados foram obtidos por métodos variados: através de anotações de campo, entrevistas, questionários e trabalho de arquivo. Tendo em vista colher dados bem naturais, a autora optou por entrevistar seus informantes em pares, já que, frequentemente, eles corrigiriam ou explicariam as respostas um do outro.

Analisando os dados, Paulston observa que o sueco possui dois pronomes de tratamento de segunda pessoa do singular, com a distinção típica existente em línguas européias entre a forma formal NI (VOUS) e a forma de solidariedade DU; sendo esta última usada com muito mais frequência, como consequência da ideologia política dominante.

Verificando os estudos destes sociolinguistas, observamos que assemelham-se no sentido de utilizarem a mesma perspectiva de Brown & Gilman em relação às dimensões de poder e solidariedade, porém diferem quanto à metodologia e apresentação dos resultados.

Pensamos que, embora constituam-se em pesquisas importantes sobre o tratamento em diversas línguas, ainda necessitamos de outros estudos que abranjam as relações entre as formas de tratamento usadas e os fatores sociais a elas vinculados, bem como os elementos lingüísticos que possam exercer, de fato, alguma influência na escolha das formas.

3.3. Formas de Tratamento em Línguas Orientais e Européias

Retrataremos nesta seção o uso do tratamento de 2ª pessoa do singular em algumas línguas orientais, a fim de observarmos as diferenças e semelhanças encontradas entre elas, tendo em vista compará-las com as do sistema de tratamento europeu. Em seguida, faremos o contraste dos dois sistemas com o português do Brasil. Para tal, recorreremos ao trabalho de Jensen (1981) que descreve os sistemas de honoríficos em algumas línguas, como as que passamos a listar.

A língua de Java é conhecida por seu sistema complexo. A escolha de vocabulário é o principal meio de expressar deferência em javanês. Existem três tipos de vocabulário, cada um usado para expressar um determinado grau de honorífico. Estes três níveis correspondem à semântica de solidariedade das línguas européias: NGOKO é usado entre solidários, KRÔMÔ entre não-solidários e MADYÔ onde a solidariedade não se faz presente. Além disso, estes três níveis são combinados com três estilos flexionais que, por sua vez, correspondem à semântica do poder, onde a primeira forma é usada em relação a superiores, a segunda em relação à pessoas desiguais e a terceira a inferiores.

A língua de Java possui três pronomes básicos de 2ª pessoa e uma série de outros especiais usados em relação a reis e deuses.

A língua nacional da Indonésia é bem mais simples e isso lhe permite assegurar o domínio sobre as línguas mais estruturadas quanto ao sistema pronominal, faladas na área, tal como a língua javanesa. O status do ouvinte em relação ao falante é manifesto através da seleção de um termo específico de tratamento.

Na língua japonesa, a flexão é a maior responsável pela expressão do honorífico. Há um rico conjunto de pronomes de 2ª pessoa e sua escolha depende tanto do falante quanto do ouvinte. A inclusão de um pronome, entretanto, de qualquer sujeito explícito, é opcional e a omissão é muito freqüente, visto ser permitido ao falante evitar o complicado processo de seleção do pronome, imposto por um sistema já tão complexo devido às flexões verbais.

Como na língua japonesa, os honoríficos coreanos são assunto principal das formas verbais, e o uso de pronomes ocorre apenas opcionalmente ou quando se faz necessário esclarecer ou contrastar o sujeito com os outros termos da frase. Jensen, citando Martin (1964), observa que tanto no japonês quanto em coreano, as distinções relativas à solidariedade estão predominantemente sobre a do poder, como na Europa.

Em vietnamita, a expressão explícita do sujeito é necessária, de modo que a escolha de um pronome ou forma pronominal deve sempre ser feita. No entanto, o uso do pronome está sendo substituído por outros na frase: termos de parentesco, títulos (como ÔNG=SENHOR, BA=SENHORA, usados entre não-solidários) e nomes próprios. Este último é usado entre amigos e se alterna com termos de parentesco usados entre membros da família. Atualmente, a solidariedade influencia a escolha dos termos de parentesco ou dos títulos, enquanto o uso do nome evita que a escolha de alguma expressão de honorífico seja feita, além de evitar o tratamento cerimonioso existente anteriormente na forma MÃY.

Segundo Jensen, as características dos honoríficos orientais podem ser resumidas assim:

- . Uso de recursos lingüísticos múltiplos para expressar relações entre falante-ouvinte;
- . Existência de mais de duas opções em muitos parâmetros de solidariedade e poder;
- . Determinação do honorífico por meio de noções semânticas e sociais semelhante às que entram na forma de tratamento europeu, porém mais detalhadas para refletir sociedades mais estruturadas e estruturas mais variadas da língua;

- . Uso que está mudando à medida que as sociedades mudam; aparentemente em direção à simplificação e maior dependência da solidariedade do que do poder como determinante principal da forma a ser usada.

Em relação às línguas européias há duas escolhas para se tratar um único interlocutor. A escolha feita é baseada no grau de solidariedade existente entre o falante e o ouvinte. Além disso, há uma constante concordância do pronome pessoal e flexões verbais com a forma de tratamento escolhida. Em algumas línguas, a forma de tratamento é refletida na flexão verbal, e é tão aparente quanto se o pronome estivesse presente.

Como se pode notar, há uma diferença marcante entre os honoríficos e as formas de tratamento nas línguas européias: o uso de vários recursos lingüísticos é bem característico dos honoríficos orientais, o que possibilita ao falante escolher entre várias formas de abordagens de 2ª pessoa, considerando a situação em que está inserido. Já nas línguas européias, há apenas duas ou três formas para expressar relações entre os interlocutores. Por outro lado, a maior dependência do padrão de solidariedade constitui um fator de semelhança entre os dois sistemas de tratamento.

A seguir, veremos algumas características do sistema de tratamento português do Brasil, apresentadas por Jensen, em contraste com os que aqui foram apresentados.

Como a maioria das línguas européias, o tratamento do português do Brasil apresenta dois pronomes básicos que servem como modelo no uso do tratamento, de acordo com os fatores de poder e solidariedade existentes entre os interlocutores, com

uma tendência atual em direção à semântica de solidariedade.

Limita a expressão das relações sociais à seleção de pronomes de 2ª pessoa, não se estendendo em referência à 1ª ou 3ª pessoa, nem a outros tipos de itens vocabulares.

À semelhança dos sistemas honoríficos e diferente das formas européias, o português do Brasil tem recursos que permitem ao falante evitar expressões da relação social (a opção do pronome zero, o nome pronominalizado e formas ambíguas como lhe); deste modo, o português assemelha-se ao japonês, coreano, indonésiano e, até certo ponto, ao vietnamita. Faz uso de títulos e termos de parentesco como pronomes sintáticos de tratamento, embora não na medida do indonésiano ou do vietnamita. Apresenta duas classes gramaticais que podem variar independentemente uma da outra para expressar a forma de tratamento (o vocabulário javanês e as flexões; os nominativos e os acusativos portugueses). Varia a forma de tratamento não apenas de acordo com a formalidade da ocasião ou com a formalidade de hábitos de um falante; assim, como em várias línguas orientais, o português tem alternativas formais e informais disponíveis em vários pontos relativos ao tratamento.

Do que foi exposto nesta seção fica claro que o português não é língua oriental; é claramente separada dela considerando a limitação dos elementos lingüísticos que podem ser marcados por nível de tratamento.

Segundo Jensen, as maneiras nas quais o português difere das línguas européias são quase as mesmas nas quais as línguas altamente honoríficas também diferem do modelo europeu.

3.4. Formas de Tratamento no Mundo de Fala Portuguesa

Valendo-se da pesquisa feita por Brown & Gilman e fundamentando-se nela, Biderman (1972-1973) deu início a uma investigação a respeito do tratamento. Observou que a estrutura social e os padrões de comportamento trazidos para a América Latina foram basicamente os mesmos existentes na Península Ibérica no tempo da colonização. Naquelas sociedades européias o poder era a marca registrada das relações entre os cidadãos. No novo mundo, todavia, essas relações foram ainda mais extremadas devido à escravidão de índios e negros africanos e pelo fato de os colonos imigrantes portugueses e espanhóis, pertencentes à classe média baixa e sem nenhum poder em sua terra natal, passarem a dominar, o que fizeram de maneira autoritária, repetindo a forma de tratamento sofrida por eles em sua terra de origem.

Tal fato gerou no seio de nossa sociedade, relações assimétricas, que passaram a imperar no seio da família e no trabalho.

Biderman dedica algumas páginas de seu trabalho à apreciação diacrônica do tratamento, relativo aos países de fala portuguesa, desde a Idade Média até o presente século.

Como o nosso objetivo é a descrição do uso atual, faremos uma exposição sucinta do aspecto diacrônico, concentrando-nos nas formas TU, VOCÊ e SENHOR.

Na Idade Média o TU apresentava dupla conotação: 1. intimidade, afeto, emotividade; 2. inferioridade. O VÓS era marca tanto de não-intimidade, distância quanto de respeito e superioridade.

Já no século XVI, o padrão assimétrico de tratamento se fazia notar no uso do TU pela pessoa de mais idade em referência à pessoa mais nova, que retribuía usando VÓS ou mesmo SENHOR.

É de grande interesse para o presente trabalho, a referência que a autora faz à introdução da forma de tratamento VOCE como tratamento intermediário de TU e de VOSSA MERCÊ. Segundo ela, esta forma surgiu provavelmente no século XVIII e considera a hipótese de ela representar uma das variantes que corriam na Espanha senão em toda Península Ibérica (voaged, vueged, vassuncê, vuaqed, voazê, vuazê, vuezê), visto serem foneticamente semelhantes.

Até meados do século XIX, VOCE era usado no trato do superior com inferior e no fim do século ocorreu, no Brasil, a substituição do TU por VOCE, como forma de tratamento familiar e íntima.[^]

Com referência ao século atual, Biderman relata que o tratamento de 2ª pessoa, no Brasil, está quase extinto apesar de vários vestígios como o uso do pronome oblíquo TE e dos possessivos correspondentes no interior do sistema de 3ª pessoa. Observou que no Rio Grande do Sul, por exemplo, o uso do TU é corrente, porém, acompanhado das formas verbais de 3ª pessoa.

Sobre esse assunto, podemos citar a tese de Silva (1982). Com base em quatro tipos de questionários, ela observa que TE é o clítico habitual com VOCE, ocorrendo, às vezes, mesmo com SENHOR. Considera que a forma VOCE é um pronome de 3ª pessoa em fim de migração para a 2ª pessoa, carregando com ele outros pronomes complementos. Imagina que o sistema de 2ª pessoa esteja penetrando paulatinamente no de 3ª, o que resultou num desequi-

líbrio no sistema pronominal.

Também Jensen (1981) constatou tal fato e reconhece que a forma TU se torna simplesmente mais um item lexical ao invés de um paradigma inteiro.

Biderman constatou também que o tratamento de SENHOR dado a um superior íntimo (aos pais, por exemplo) já não é generalizado, visto ser comum nas áreas urbanas das grandes cidades a geração jovem tratar os pais por VOCÊ. Desta forma, verifica-se que o fator solidariedade está se estendendo em detrimento do poder, como constataram Brown & Gilman.

Quando se trata de alguém da mesma classe social e idade, o tratamento de SENHOR pode alternar com VOCÊ. Há, no entanto, pessoas de educação mais conservadora que fazem uso do tratamento mais formal e menos familiar.

A pesquisadora relata que no Brasil, mas não em Portugal, ocorreu uma simplificação no tocante às formas de tratamento, e a tendência brasileira tem sido ampliar a área coberta por VOCÊ.

Após tecer todas essas considerações a respeito do sistema de tratamento português e brasileiro, Biderman conclui, admitindo que, no Brasil, só há dois pronomes de tratamento de fato: VOCÊ (familiar) e SENHOR (formal) que correspondem ao par T/V conforme a caracterização de Brown & Gilman.

Quanto ao sistema em Portugal, este é tripartido: TU, VOCÊ, SENHOR, sendo que os portugueses possuem uma gradação intermediária entre a familiaridade e o formalismo, desconhecida no Brasil. Também o uso de VOCÊ não é generalizado como no Brasil.

A forma SENHOR coexiste com muitas variantes tanto em Portugal quanto no Brasil. Neste último podendo ser destacado o uso do SEU, que antecede o nome próprio e é muito usado (SEU João, SEU Jorge) e ainda DONA, para a mulher, como forma respeitosa de tratamento.

A conclusão a que chegou Biderman em relação ao sistema de tratamento merece ser discutida, tendo em vista a omissão do pronome TU como forma de tratamento também usada, com muita constância, entre muitas díades no território brasileiro. Ao referir-se ao TU, a autora o faz destacando-o como forma que se restringe apenas ao tratamento dado à divindade e santos nas culturas cristãs, além de ser usado nas versões canônicas das preces e leituras bíblicas.

Naturalmente, esta afirmação deve ser levada em consideração pois, na verdade, esse uso do TU é verdadeiro. Contudo, merece ser considerado também, o fato de que sua presença é real e indiscutível na fala de muitos brasileiros, em regiões do Norte e do Sul do país (inclusive em Santa Catarina), não restringindo-se apenas às situações acima citadas. Poderemos comprovar esse fato analisando, especialmente, o trabalho de alguns pesquisadores nos capítulos ulteriores, além de o comprovarmos nos dados de nossa pesquisa.

3.4.1. Formas de Tratamento no Brasil

Head (1975) investigou o tratamento usado no Brasil, incluindo as formas TU, VOCÊ e SENHOR(A), além dos nomes pronominalizados. Chegou à conclusão de que as variedades existentes

apresentam sistemas binários simples de formas de tratamento, ou seja: deferencial ou não-íntima S (SENHOR/SENHORA) e como forma íntima tanto o T (TU) quanto o V (VOCÊ). Segundo pôde constatar, o tratamento na maior parte do Brasil é caracterizado por um ou outro desses sistemas binários, embora seja encontrado um sistema ternário (com S, V e T) em algumas partes do país. Concluiu ser verdadeira a afirmação feita por Brown & Gilman de que as formas cerimoniais de tratamento (formas não-recíprocas) estão cedendo lugar às de tratamento solidário. Constatou que o padrão de solidariedade é, geralmente, mais freqüente em comunidades maiores e mais avançadas do que nas tradicionais.

Jensen (1981) analisou as formas de tratamento encontradas nas capitais e áreas do interior dos Estados do Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro e Ceará. Obteve dados através de questionários e gravações e pôde concluir que a escolha feita por brasileiros entre VOCÊ e SENHOR é muito semelhante à escolha T/V em outras línguas, exceto no que diz respeito à dimensão de solidariedade, que nas línguas européias apresenta-se mais avançada. Pôde observar que mesmo quando a solidariedade está presente, o poder ainda permanece em relação a muitos falantes, resultando o uso não-recíproco de tratamento, enquanto em díades não-solidárias, o uso é normalmente mútuo (SENHOR, VOCÊ, TU) dependendo da idade e de outros fatores.

Oliveira & Silva (1982), baseada em questionários diversos, investigou o uso do tratamento por várias classes sociais da Zona Rural do Rio de Janeiro e observou que as pessoas de educação mais conservadora, pertencentes à classe social mais baixa, empregam com maior freqüência o tratamento cerimonioso (Biderman verificou o mesmo).

Abreu (1987) preocupou-se em delinear o quadro sincrônico do sistema de tratamento oral e urbano do dialeto de Curitiba. Elaborou um teste que consistiu em montar dezoito situações artificiais de conversação, nas quais os informantes deveriam pedir informações, favores e/ou fazer alguma declaração aos seus interlocutores. Estas situações eram feitas através do uso de fotografias. Foram objeto de estudo os pronomes de tratamento-sujeito de 2ª pessoa em situação de interação face-a-face. A autora pôde identificar a presença das formas VOCE, SENHOR e TRATAMENTO-ZERO. Esta última constituiu-se numa maneira de o falante evitar o uso do pronome de tratamento de cerimônia ou de intimidade. Das formas, a mais utilizada foi o pronome de tratamento-zero, seguida de VOCE e finalmente SENHOR.

Embora tantas pesquisas já tenham sido feitas sobre o fenômeno do tratamento, é certo que há ainda muito a ser investigado e revelado. Em relação ao Brasil, poucos trabalhos foram realizados. Verifica-se, assim, a necessidade de termos muitos outros estudos sociolinguísticos referentes ao assunto e que busquem apresentar os mecanismos linguísticos e extra-linguísticos atuantes no processo de seleção do uso do tratamento.

3.5. Visão Tradicional do Tratamento

Apresentaremos, nesta seção, um apanhado da bibliografia no que diz respeito à visão de gramáticos tradicionais em relação às formas de tratamento.

Na verdade, as gramáticas tradicionais não parecem representar uma significativa contribuição ao estudo do tratamento, visto limitarem-se a apresentar uma lista de pronomes de trata-

mento de maneira breve, acompanhada de alguns poucos comentários ou de nenhuma explicação a respeito das diferenças de uso. Além disso, são poucas as gramáticas que tratam a esse respeito. Podemos perceber tal limitação observando a colocação de alguns estudiosos.

Napoleão Mendes de Almeida (1985:315-7), ao referir-se aos pronomes de tratamento, apresenta a seguinte afirmação:

"~~Chamam-se~~ pronomes de tratamento as palavras e expressões que substituem a terceira pessoa gramatical: fulano, beltrano, sicrano, a gente, você, vossa mercê, etc.

Os pronomes de tratamento são suscetíveis de plural: Vossas Majestades, vocês, etc.

SENHOR, como fórmula de tratamento, é de 3ª pessoa."

Domingos Paschoal Cegalla (1920:114) trata o seguinte:

"Entre os pronomes pessoais incluem-se os chamados pronomes de tratamento, que se usam no tratamento cortês e cerimonioso das pessoas:

VOCEÊ: no tratamento familiar e íntimo

O SENHOR(A): no tratamento de respeito

A SENHORITA: às moças solteiras

Esses pronomes são de 2ª pessoa, mas usados com as formas verbais de 3ª pessoa."

Para Pilar Vásquez Cuesta e Mendes da Luz (1971:488-9) "no Brasil, os tratamentos estão mais simplificados que em Portugal, podendo dizer-se que se reduzem, como em espanhol, a dois: um de intimidade - VOCEÊ, cujo uso é quase equivalente ao do 'TU' espanhol - e outro de cortesia - O SENHOR, A SENHORA - que equivale a "USTED".

As autoras observam que o TU conserva-se apenas na sua forma de sujeito no Rio Grande do Sul e no Maranhão, embora as formas te, ti, contigo, apareçam na fala familiar de todo o país juntamente com VOCÊ. Segundo elas, o tratamento de intimidade VOCÊ está muito difundido, sendo normal entre pessoas de mesma idade e nível social que acabam de se conhecer, ainda que pertençam a sexos diferentes.

Para Bechara (1987:96), as formas de tratamento indireto de 2ª pessoa e que são chamadas pronomes de tratamento são:

VOCÊ, VOCÊS (no tratamento familiar)

O SENHOR, A SENHORA (no tratamento cerimonioso).

Segundo Cunha & Cintra (1985:284), o uso do TU restringe-se ao extremo sul do país e a algumas áreas da Região Norte, ainda não suficientemente delimitadas. Na maior parte do país foi substituído por VOCÊ como forma de intimidade. As formas O SENHOR, A SENHORA (A SENHORITA) são formas de respeito ou de cortesia e, como tais, se opõem a VOCÊ, na maior parte do Brasil.

Tendo examinado as opiniões acima, gostaríamos de fazer os seguintes comentários:

De modo geral, as opiniões convergem para a afirmação de que os tratamentos no Brasil reduzem-se a dois (Biderman declarou o mesmo): VOCÊ, como forma de intimidade, usado no tratamento familiar, e SENHOR(A), como forma de respeito, usado no tratamento cerimonioso.

Quanto à forma TU, seu uso é relativamente restrito, mas freqüente em algumas regiões do Norte e no extremo Sul do país.

Outros citam, no Norte, o Estado do Maranhão e, no Sul, o Rio Grande do Sul.

Mais uma vez vemos evicenciadas as formas oblíquas TE, TI, CONTIGO como formas de uso frequente na fala familiar de todo o país, sendo, contudo, usadas em referência ao pronome VOCÊ, mais comumente.

O que nos chama a atenção e é o que desejamos destacar, é o fato de nenhum deles mencionar o uso do TU em Santa Catarina, além de não apresentarem a possibilidade de um sistema ternário de tratamento, no Brasil.

O capítulo III trata especificamente do uso das formas TU e VOCÊ na Ilha de Santa Catarina e estes fatos poderão ser nele examinados.

O capítulo seguinte refere-se à metodologia utilizada na pesquisa de campo.

Notas

¹LYONS, John. Linguagem e lingüística - uma introdução. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982. p.287.

²JENSEN, John B. Forms of Address in Brazilian Portuguese: Standard European or Oriental Honorifics? Amsterdam, John Benjamin B.V., 1981. p.46.

³LYONS, John. Op.cit., p.288.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA EMPREGADA

1. Introdução

A metodologia utilizada nesta dissertação segue o modelo sociolinguístico de variação linguística iniciado por Labov (1966) em seu estudo sobre a estratificação social do inglês falado na cidade de Nova York. As técnicas desenvolvidas neste seu estudo permitem reduzir a formalidade imposta pela entrevista face-a-face, que segundo o próprio Labov, é a única maneira de se obter o volume e qualidade de discurso gravado. Neste tipo de entrevista a força exercida pela presença de um gravador e pela própria presença do pesquisador acarreta um comportamento linguístico inibido, interferindo assim, na naturalidade da situação de comunicação. A solução é que o pesquisador represente o papel de aprendiz interessado na comunidade em questão. Seu comportamento deve ser o mais natural possível para que incentive uma interação amigável e descontraída com o seu informante.

Seguindo esta orientação, optamos, então, pelo método de

entrevista face-a-face, e para evitar problemas relacionados à nossa presença e a do gravador, mostramos que o nosso interesse era conhecer melhor a comunidade florianopolitana, seus costumes e os seus diversos tipos de profissões. Em nenhum momento demos a conhecer o real propósito de nossa pesquisa durante a entrevista para que não houvesse cuidado especial do informante com a sua linguagem. Nosso objetivo principal era que a menor atenção possível fosse dada à fala, para que obtivéssemos uma fala mais informal e natural. Infelizmente, o fato de alguém ser entrevistado e ter sua conversa gravada constitui-se num obstáculo à obtenção de um discurso casual; contudo, como o que desejávamos perceber eram as formas de tratamento usadas pelo informante no tocante aos pronomes TU e VOCÊ, principalmente, sentimos necessidade de controlar e elicitare realizações referentes à variável lingüística em questão e, por isso, utilizamos a estratégia acima referida, que se mostrou bastante eficaz para o que pretendíamos analisar.

Mais adiante mostraremos como controlamos e elicitamos os dados desejados.

Descreveremos nos itens abaixo a comunidade estudada, os informantes, a entrevista e a elicitação dos dados. Apresentaremos, em seguida, os condicionadores sociais e lingüísticos das formas de tratamento.

2. A Comunidade Estudada

Primamos por entrevistar somente os residentes na área urbana de Florianópolis. Como o nosso propósito nesta dissertação é examinar as formas de tratamento usadas e fazer um levanta-

mento dos condicionadores lingüísticos e extra-lingüísticos que possam estar relacionados a elas, consideramos ser operante o centro urbano, visto abranger pessoas de diferentes status social, idade e nível de escolaridade.

3. Os Informantes

Seguindo o critério laboviano para a seleção de informantes (Labov, 1972), limitamos nossas entrevistas aos indivíduos nascidos e educados na zona urbana de Florianópolis. Desta forma, segundo pesquisas sociolingüísticas já realizadas, evita-se lidar com informantes cuja escolaridade e interação social foram afetadas por outros centros urbanos, o que resultaria em influência sobre o seu comportamento lingüístico.

Considerando-se o sexo, três níveis de escolaridade e três faixas etárias, obtivemos um total de 18 células ou grupos de informantes. Para cada uma dessas células foram entrevistadas 2 pessoas, o que resulta no total de 36 informantes. Para melhor entendermos o que aqui foi colocado, podemos recorrer ao quadro número 1.

QUADRO Nº 1

IDADE	SEXO	ESCOLARIDADE		
		Primário	Secundário	Universitário
20-35	M	2	2	2
	F	2	2	2
36-50	M	2	2	2
	F	2	2	2
51 em diante	M	2	2	2
	F	2	2	2
TOTAL		12	12	12
		= 36		

4. A Entrevista

Nosso contato com os informantes deu-se de maneira direta, sem o intermédio de outra pessoa. Segundo Labov, a estratégia básica de entrevista sociolinguística consiste em o entrevistador colocar-se numa posição de autoridade inferior à da pessoa com a qual ele está falando. Para garantirmos nosso intercâmbio com o informante procuramos, então, seguir tal proposta, evitando, ao máximo, mostrar qualquer evidência de nosso verdadeiro objetivo. Tivemos cuidado para não influenciarmos o uso das formas de tratamento. Evitamos o uso do pronome VOCE ao nos dirigirmos aos nossos informantes já que, segundo depoimento de les mesmos (Ver Capítulo III, seção 5), a forma TU é a marca registrada do povo ilhéu.

As pessoas eram entrevistadas em seu local de trabalho (lojas, bancos, escolas, bares etc.) o que não nos dava muito tempo para estar com elas, visto haver sempre um cliente, freguês ou mesmo um gerente interrompendo nossa interação. Fizemos uso de um gravador que ajudou muito na obtenção de todos os trechos desejados. Naturalmente, por questões éticas e também práticas, não escondemos de nosso informante o fato de o estarmos gravando. Ao contrário, antes de iniciarmos nossa entrevista, explicávamos que usaríamos o gravador e achávamos importante ter a sua aprovação de modo a não haver nenhum constrangimento. Explicamos que aquele material nos ajudaria a poupar tempo, mas se houvesse alguma objeção, não o usaríamos. Garantimos a cada um deles que apenas nós ouviríamos a gravação. Diante desta explicação, o informante sentia-se mais seguro e, no transcorrer da entrevista, ia-se sentindo bem mais à vontade.

5. Elicitação dos Dados

A fim de garantirmos resultados satisfatórios à nossa pesquisa, decidimos obter os dados através da elicitação controlada dos mesmos. Para isso, elaboramos um teste onde utilizamos 10 fotografias tiradas de pessoas em seu local de trabalho e de pessoas surpreendidas na rua.¹

Para a seleção das fotos, procuramos flagrar as pessoas levando em conta sua classe social, sexo, faixa etária (pessoas jovens) e a informalidade da situação. Acreditamos que estes critérios permitiriam que a escolha do tratamento recaísse sobre o pronome TU ou o VOCE, mais comumente. Para termos uma idéia da classe social a que o indivíduo pertencia, levamos em consi-

deração sua aparência² e/ou local de trabalho, que poderia, de alguma forma, refletir seu status. Infelizmente, não há na literatura subsídios concretos que nos permitam avaliar classes sociais, o que não nos possibilita lidarmos com critérios objetivos, menos passíveis de críticas.

Usamos em relação aos informantes, os mesmos critérios com o objetivo de elicitar o uso do tratamento em situações de simetria e assimetria social. Naturalmente, o informante se dirigiria a seu interlocutor levando em conta, inconscientemente, esses fatores que o conduziriam à opção da forma recíproca ou não-recíproca de tratamento.

5.1. O Teste

O teste consistiu na amostragem das 10 fotografias aos informantes que deveriam pedir alguma informação a seus interlocutores.

Para a elaboração dos pedidos, baseamo-nos no modelo de Blum-Kulka & Olshtain em seu artigo "Requests and Apologies - a cross cultural study of speech act realization patterns". Seu trabalho define pedidos como atos que ameaçam o desejo de liberdade de ação do ouvinte. A maneira, então, que o falante tem para minimizar a imposição envolvida no ato é fazer uso de estratégias.

Pelo menos três tipos de estratégias são apresentadas:

- a) Nível mais direto, mais explícito, realizado por pedidos marcados sintaticamente como tal, tais como imperativos ou por outros meios verbais que nomeiam o ato como um pedido, como performativos - Austin, 1962 e Fra-

ser, 1975;

- b) nível convencionalmente indireto, caracterizado por procedimentos que realizam o ato por referência a pré-condições contextuais necessárias para sua execução. São normalmente referidas na literatura sobre atos de fala, desde Searle 1975, como atos de fala indiretos; como exemplo: Você poderia fazer isto...;
- c) nível indireto não convencional, ou seja, o grupo não fechado de estratégias indiretas (pistas) que realizam o pedido tanto por referência parcial ao objeto ou elemento necessário para a implementação do ato (por que a janela está aberta?) quanto por dependência de dados contextuais (está frio aqui dentro).

Em nosso trabalho, os pedidos a serem feitos pelos informantes caracterizam-se pelo nível de estratégia b.

A princípio, o indivíduo sentia-se embaraçado por ter que se dirigir a alguém numa situação tão artificial. Assim, a fim de o colocarmos mais à vontade, dizíamos que ele deveria se imaginar naquele mesmo contexto situacional e "fazer de conta" que a sua interação com a pessoa da foto era real naquele momento da entrevista.

5.2. Orientação

De posse da fotografia e da informação sobre a situação em que deveria se colocar, o informante recebia a orientação devida.³

Vejamos o seguinte exemplo: diante da fotografia de um adolescente, lavador de carros, exercendo seu trabalho numa rua comum, o informante deveria perguntar se ele poderia informar onde ficava a rua do Correio.

Ao notarmos qualquer relutância por parte do informante em usar alguma forma de tratamento, continuávamos a insistir: "Pergunte a ele quanto ele cobra para lavar um carro e se ele gosta do que faz." Desta forma, podíamos melhor controlar os dados e obter alguma forma de tratamento no falar do informante.

6. Condicionadores Sociais e Lingüísticos

"É somente através da correlação entre fatores lingüísticos e não-lingüísticos que alguém chegará a um melhor conhecimento de como a língua é usada e de que é constituída."⁴

6.1. Condicionadores Sociais

Segundo a literatura sociolingüística (Labov, 1972), a classe social, a idade e o sexo são, entre outros, fatores importantes na variação da linguagem. Tendo em vista a ausência de informações precisas sobre a definição de "classe social", e considerando que a escolaridade tem sido usada em seu lugar, em trabalhos sociolingüísticos feitos no Brasil, decidimos adotar o mesmo critério - optamos pelo uso da escolaridade, ao invés do nível sócio-econômico dos informantes.

Considerando a possibilidade desses fatores condicionarem socialmente a escolha que o falante faz da forma de tratamento;

nós decidimos, então, trabalhar com eles a fim de verificar qualquer influência que possam, de fato, exercer.

Além desses fatores, incluímos também a situação em que se inserem os interlocutores.

6.2. Condicionadores Lingüísticos

A fim de buscarmos elementos lingüísticos que pudessem estar relacionados às formas de tratamento, recorreremos ao modelo de Blum-Kulka & Olshtain (1984). Nele são encontradas as formas de interpelação e de mitigação que, provavelmente, possam ser responsáveis pelo uso de uma ou outra forma. A definição dessas formas será apresentada mais adiante, no capítulo IV.

7. Considerações Críticas

É importante refletir sobre a necessidade de se realizar um trabalho de tal forma que obtenhamos dados os mais naturais possíveis. Não se pode esperar que em uma primeira e/ou única entrevista encontremos o que o informante usa em um contexto in formal e familiar. Por mais casual ou amigo que ele possa parecer, "devemos nos conscientizar de que haverá mudanças em um número de variáveis lingüísticas quando nenhum observador está presente" (Labov, 1972/78:5). Deparamo-nos, assim, com o "paradoxo do observador" que consiste em observar como as pessoas falam quando não estão sendo observadas. Para que se colete uma grande quantidade de dados é preciso que o pesquisador participe mais diretamente na interação; porém, essa participação pode perturbar a naturalidade do evento (Tarallo, p.21).

A limitação de nosso trabalho deve-se ao fato de não termos podido apresentar dados que não estivessem comprometidos com a formalidade da situação, imposta tanto por nossa presença quanto pela do gravador, ao interlocutor.

Como foi mencionado neste capítulo, o ideal seria fazermos o papel do pesquisador-observador: observaríamos o falante sem sermos notados e colheríamos os dados não prejudicando a naturalidade da situação. Contudo, houve necessidade de nós mesmos coletarmos as informações desejadas por motivo já apresentado.

Notas

¹A utilização de fotografias foi baseada na experiência realizada por Silva (1982). O mesmo foi feito por Abreu (1987). Por ter se apresentado como material eficaz à coleta de dados referente às formas de tratamento, achamos por bem também adotar esse método.
As fotografias encontram-se xerocadas no Anexo 1.

²Segundo Robinson (1972:69), "características estáticas como traços físicos, roupas e posturas também podem conter informações."

³A orientação acerca das perguntas a serem feitas aos interlocutores encontram-se no Anexo 1.

⁴TARALLO, Fernando. A pesquisa sociolinguística. São Paulo, Editora Ática, 1985. p.62.

CAPÍTULO III

O USO DAS FORMAS TU E VOCÊ EM FLORIANÓPOLIS

1. Introdução

O presente capítulo tem como meta apresentar o tratamento na Ilha de Santa Catarina, com ênfase centrada nas formas TU e VOCÊ.

Faremos, inicialmente, menção ao trabalho de tese do professor Furlan (1987), que tece alguns comentários sobre o tratamento nessa região.

Pensamos ser interessante também, considerar o trabalho de, pelo menos, dois escritores catarinenses, visto podermos evidenciar na linguagem de suas personagens, o emprego das formas de tratamento.

Faremos um breve relato do depoimento de alguns professores no tocante ao ensino das formas de referência (TU e VOCÊ, especificamente) nos Estabelecimentos de Ensino e avaliaremos opiniões de alunos a respeito delas.

* Concluiremos apresentando opiniões dos informantes de nossa pesquisa sobre as formas citadas.

2. O Caso do Tuteamento (emprego do TU)

Pudemos constatar na seção 3.5 que, de modo geral, os autores tradicionais limitam as descrições das formas de tratamento e não fazem alusão ao uso do TU no Estado de Santa Catarina. Além disso, desconhece-se a razão deste pronome subsistir em algumas áreas e não em outras.

Segundo Furlan (1987) esse fato pode ser explicado considerando-se alguns fatores: uma subsistência mais sólida do tuteamento no português europeu; o povoamento tardio e maciçamente luso-açoriano do Sul e do Maranhão, com um longo período de isolamento dos imigrantes; no Sul, a presença do tuteamento no sistema de tratamento do italiano e do alemão.

Através de perguntas feitas a residentes na região de Florianópolis, Furlan pôde evidenciar a presença predominante do pronome TU. Sua pesquisa abrangeu um número de 200 informantes das várias regiões e 218 alunos de escolas e níveis diferentes. O resultado consistiu em cerca de 60% de uso do TU, 20% de uso misto de TU e VOCÊ e 19% de uso de VOCÊ. Pôde constatar que o uso da forma TU é típico do tratamento familiar na região do POCALA¹, embora o povo prefira usar VOCÊ com estranhos, visto considerarem esta forma menos íntima, portanto, mais cerimoniosa. Furlan declara que no Oeste e nos falares de ascendência italiana ou alemã, a forma TU não foi suplantada pelo emprego do VOCÊ.

3. Na Literatura

Selecionamos como base do presente tema, as obras "O Fantástico na Ilha de Santa Catarina", de Franklin Cascaes e "Arca

Açoriana", de Almiro Caldeira. A escolha deste material foi motivado fundamentalmente por dois fatores: refletem o emprego oral dos pronomes de tratamento e evidenciam o falar do povo ilhéu, especificamente.

Cascaes (1979) pesquisou a questão das lendas e mitos do interior da Ilha. Interessado no folclore e tendo estudado a linguagem popular do florianopolitano, fez com que esta se reproduzisse na fala de seus personagens. Isso pode ser constatado em muitos de seus contos, escritos desde 1949. Poderemos atestar tal fato, considerando os seguintes diálogos:

(1951:37-9)

Gabriel: Viturino, munto bãos dias e que Deus teje em tua casa e cá tua família toda.

Viturino: E tu, primo Gabriéli, comé que vagi passando?

Gabriel: Vô indo bem, vô indo bem.

Viturino: Andas passiendo por aí, ou andas a negócio?

Gabriel: É, um poco passiendo, e um poco trabahiando.

Viturino: Primo Gabriéli, tu fazeste munta farinha este ano?

Gabriel: Figi sim. Eu arranquei mandioca que produziu 300 alqueire de farinha.

Viturino: Mas, primo Gabriéli, isso que tu tás falando aí foi milagre?

.....

Viturino: Hi! Primo Gabriéli! Quando tu falasse em cavalo, eu fiquê côs cabelo da cabeça em pé.

Gabriel: Uê [...] Prô môde de que, primo Viturino?

Viturino: Primo Gabriéli, tu nem sabe o que é que tá se passando [...] tu tás bem privinido cás cosa lá de Riba do Arto?

(1964:20-1)

- Primo Nicolau, vossa mecê acardita memo de vredade naquelas istória que o nosso povo lá das ihias dos Açori contavo prá nóis como vredaderas?

- Ah! [...] Sim, acardito de vredade, sim. Como tu bem sabe e vancês todos quê tão aqui me osvindo [...]

.....

João: Sô, Nicolau, peço licença a vossa mecê prá môde dizê um arreparo.

Nicolau: Sim, Sinhôri, sô João. Vossa mecê tem ela.

João: Os bugre trabahiavo na lavoura?

Nicolau: Trabahiavo, sim, sinhôri, sô João! Veja o sinhôri que eles prantavam mandioca, batata, [...]

Almiro Caldeira dedicou-se ao tema relativo à saga açoriana e sobre esse assunto demonstra bastante domínio. A "Arca Açoriana" tem como pano de fundo a invasão da Ilha de Santa Catarina pelos espanhóis em 1777 e os acontecimentos imediatos.

Vejamos algumas falas de personagens contidas nessa obra, particularmente nas páginas 13-15, 22-23 e 133.

Negrinho: Tá tudo escondido no engenho do nhô Jordelino!

José: Por que?

Negrinho: Os espanhóis, ora! Tô aqui de espia. Você me deu um susto.

.....

Pai de José: Ah, és tu? Vieste fugido dos castelhanos ou do vento?

Avô: Donde vens?

José: De Santo Antônio.

Mãe de José: Estás com fome, meu filho?

José: Morro de sede.

Mãe: Quem sabe, Zé, queres um café com broa?

.....

Quirino: O quê? Como é lá isso? [...]

Cloraldino: Pois é, se você me tivesse deixando pegar o dinheiro teríamos ultimado tudo ontem.

Quirino: Mas a menina dormia!

Cloraldino: Pois eu lhe digo: se você não tivesse sentido tanta pena. Será que você não sabe o que está acontecendo nesta nossa Ilha? O que aconteceu de ontem para hoje?

Quirino: Não, o que aconteceu?

Cloraldino: Pois nesta noite, a ilha foi tomada pelos castelhanos [...]. Eu e a família estamos nos aviando. Você e dona Rosinha também deviam fazer o mesmo.

Quirino: Mas, olha em que enrascada me metí eu [...]

Cloraldino: Você, só, não, toda essa gente.

Quirino: É, estou pondo tento [...] mas você não podia me pagar pelas terras.

.....

Negro: A bênção, nhonhô! Dá uns réis pro negro comprar um pouquinho de fumo?

José: Tu não és o Bocarra?

Negro: Sou, nhô, sim.

José: Que fazes aqui? Fugiste?

Negro: Mais ou menos, Nhonhô.

É fácil percebermos que o discurso das personagens em Cascaes apresenta, de forma constante, o pronome de tratamento TU, além de evidenciarmos também a presença, em falantes do interior, das formas derivadas de VOSSA MERCÊ, como VANCÊS, VOSSA MECÊ, denotando um tratamento cerimonioso, o que ocorre também com a forma SENHOR (SINHÔRI, NHÔ).

Nas falas das personagens de Caldeira, a presença do TU se faz marcar especialmente pela flexão verbal. No entanto, considerando a época histórica retratada em sua obra, surpreende-nos o fato de constatarmos o emprego da forma VOCÊ. Seu uso não seria característico da fala de ilhéus naquele período, se levarmos em conta a migração, à Ilha, de alemães, italianos, espanhóis e açorianos, por exemplo, que influenciaram o povo ilhéu em vários aspectos, inclusive lingüístico:

Embora tenhamos buscado resposta à essa questão, não conseguimos obter nenhuma informação que a explicasse.

Outrossim, esse fato é muito significativo para o nosso trabalho, pois indicia a presença do terceiro elemento - VOCÊ -

no falar florianopolitano, principalmente considerando ser Caldeira um representante importante do falar da Ilha de Santa Catarina. Esse fato parece apoiar e enriquecer nossa hipótese de um sistema ternário no dialeto ilhéu.

4. O Ensino do Tratamento nas Escolas

Certos de que a escola é responsável pela transmissão de regras que, de maneira sistemática, chegam ao conhecimento da criança tão logo esta inicia a escolarização, consideramos importante verificar a opinião de alguns professores da área de comunicação e expressão a respeito do ensino das formas de tratamento. Visitamos, para isto quatro Estabelecimentos de Ensino de 1º e 2º graus.

A fim de colhermos as informações que desejávamos, perguntamos o seguinte aos professores e alunos:

- Como é ministrado na escola, ou, particularmente, em sua classe, o ensino dos pronomes de tratamento - TU e VOCÊ, em especial?

O professor faz alguma distinção marcante entre as formas? Alguma distinção em termos de formalidade e de intimidade?

E quanto aos alunos, há, para eles, alguma diferença relativa à fala e escrita em relação ao uso das formas?

Segundo a maioria dos professores, as formas não são transmitidas de maneira sistemática, seguindo modelos tradicionais de ensino. Ao contrário, não existe nenhuma preocupação em se estabelecer regras para o uso do tratamento, e a apresentação das formas TU e VOCÊ limita-se a uma explicação rápida de que ambas

são maneiras corretas e próprias de uso. Contudo, os alunos tomam conhecimento de que a maior diferença que pode ser percebida entre elas é que o TU é muito mais usado em família e o VOCÊ muito mais com estranhos. Em relação à forma SENHOR(A), ensina-se que deve ser utilizada com pessoas mais velhas como forma respeitosa de tratamento.

Recorrendo às opiniões dos alunos, percebemos que, de modo geral, consideram o TU uma forma grosseira para ser usada na escrita. Acreditam ser mais adequada ao uso com familiares e íntimos. Atestaram que o VOCÊ é mais bonito e, por isso, deve ser usado com pessoas com quem não tenham afinidade.

Pelo que pudemos perceber, parece-nos acertado afirmar que, à medida que vai aumentando o nível de escolaridade, o aluno vai tomando mais consciência do uso das formas e começa a fazer maior distinção entre elas em termos de informalidade.

5. Opinião dos Informantes sobre as Formas

Ao final de cada entrevista, pedíamos a opinião do informante a respeito do uso dos dois pronomes de tratamento.

Agíamos da seguinte maneira: perguntávamos ao indivíduo como ele via o uso do TU e VOCÊ; qual a diferença entre eles; qual o mais usado por ele e por quê.

Muitas vezes, obtivemos respostas que não condisseram com a verdade dos dados. Por exemplo, no final de nossa entrevista, após termos observado no discurso de determinado indivíduo a constância do uso do pronome VOCÊ, indagávamos dele o seguinte:

- Por que só usas o TU quando falas com as pessoas?

A resposta vinha clara e segura:

- Ah! É porque eu sou ilhéu, e o pessoal daqui todo fala assim; usamos o TU.

Mostrávamos, então, que não era bem assim com ele, e ele não podia acreditar:

- Eu usei mais o VOCE? Que engraçado! Nem notei.

Assim aconteceu com muitos dos nossos informantes. Tal facto prova que há uma diferença entre o que o falante pensa que fala e o que ele realmente fala.

Por outro lado, houve aqueles falantes que se mostraram conscientes quanto ao uso das duas formas e, ao serem questionados do porquê, respondiam que era por influência interna (em casa usavam sempre o TU com os familiares; no trabalho também, com os amigos mais íntimos) e também, por influência externa (muitos turistas de outros estados brasileiros vêm visitar a Ilha e todos usam a forma de tratamento VOCE). Muitos dos entrevistados responsabilizaram os meios de comunicação e as novas amizades com pessoas oriundas de outros lugares pela interferência do VOCE no seu sistema de tratamento.

A seguir, poderemos apreciar alguns depoimentos dos informantes:²

6MYB³

- Geralmente a gente usa mais o pronome tratamento TU. Acho que por cultura mesmo porque todo mundo fala assim. A maior parte do pessoal. É costume aqui da Ilha. Geralmente cidade mais serrana usa um jeito de falar mais correto, eu acho: VOCE. 0

peçoal do litoral é mais aberto. VOCÊ é um negócio muito formal. É mais educado também, eu diria. Depende de quanto tempo conhece a pessoa. Com peçoal de fora fica meio rude, informal demais usar o TU. Em casa, a gente tá falando todo dia; a gente conhece melhor e não precisaria usar um jeito mais refinado. É mais informal, bem íntimo. Eu até diria que usar o TU as pessoas ficam mais soltas pra conversar do que VOCÊ.

7FYB

- Eu acho que é costume mesmo, lingüístico usar tanto o TU. Ilhéu, eu acho. É pelo fato de ser açoriano mesmo, mais portuguêsado, né? Nossa colonização aqui. Então, a gente tem costume mesmo de falar o TU. Raramente uso o VOCÊ e, quando eu me acho usando, acho que é artificial. A diferença que eu vejo entre eles é que é mais natural falar no TU. Se eu falasse no VOCÊ, eu estaria tipo meio ... é uma coisa mais distante, mais esnobé. O VOCÊ seria algo mais formal pra mim. Em casa só uso o TU mesmo. É mais coloquial, informal, mais familiar. É só uma questão de costume mesmo.

14FYL

- Quando eu estudei minha professora deu os pronomes de tratamento, né? Então, ela disse que eu podia usar o TU ou o VOCÊ. Na minha casa, geralmente, a gente usa TU. Se um ilhéu usa VOCÊ comigo, não estranho porque uso o VOCÊ também. As pessoas que vêm de fora usam muito o VOCÊ. Nós aqui usamos VOCÊ, mas não assim. Como tem muito turista: São Paulo, Rio, Porto Alegre e outros Estados, então a gente começa a conversar com es-

sas pessoas e começa a pegar o mesmo termo deles; usando as influências deles a gente começa a falar VOCEÊ, sem querer; senão, eu acho que a gente usaria só o TU mesmo.

22MYB

- É muito costume dizer TU aqui. Não sei porque uso o VOCEÊ. Acho que é influência de grupos, de outras pessoas. O pessoal do Rio Grande do Sul; aqui tem muito paulista. Os paulistas usam muito o VOCEÊ, né? Numa língua um pouco mais formal. TU é uma coisa muito da Ilha, né? Geralmente, eu uso mais pra pessoal que eu conheço, né? Assim, amigos. Agora pra tratar com pessoas de fora, quando eu vou num banco, em algum lugar mais, eu chamo mais de VOCEÊ mesmo. Sinto que uso os dois mesmo. TU é mais normal eu dizer. Quando eu uso VOCEÊ a gente sabe, né? É costume a maioria das pessoas aqui usar TU. Em casa só uso TU.

De modo geral, as opiniões convergem para o seguinte resultado:

	TU		VOCEÊ
	íntimo		distante
	familiar		com estranhos
	em ambiente familiar		influência de fora
	dos ilhéus		bonito
+	rude	+	educado
	informal		formal
	coloquial		correto
	desrespeitoso		respeitoso

Percebe-se haver uma diferença significativa entre os dois pronomes, que se tornam mesmo em formas opostas entre si. O TU implica em solidariedade ou intimidade e VOCÊ denota tratamento mais formal, implicando numa maneira mais educada de tratar o outro com o qual não se tenha intimidade.

As colocações pertinentes a este capítulo servem para con-firmar que o dialeto florianopolitano caracteriza-se por um sistema ternário de tratamento. É evidente a presença do TU como forma mais usada pelo povo ilhéu. Todavia, também é indiscutível a incorporação do pronome VOCÊ na região, com características aproximadas da forma SENHOR.

Notas

- ¹Sigla usada pelo professor Furlan, que significa: português ca-tarinense de ascendência luso-açoriana.
- ²A opinião dos demais informantes acerca das formas encontra-se no Anexo 2. Transcrevemos exatamente a maneira de falar do informante.
- ³Os códigos que precedem cada depoimento referem-se às características do informante. O algarismo inicial corresponde ao seu número; as letras F e M que vêm em segundo lugar correspondem ao sexo; a seguir temos o nível de escolaridade sendo ? = primário, D = secundário, Y = universitário, e, finalmente, a faixa etária onde B = 20-35, L = 36-50 e Q = 51 em diante.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DOS DADOS

1. Introdução

É fato conhecido que uma das funções da linguagem é de determinar relações entre papéis. Papel, além de outras definições, "refere-se ao conjunto de comportamentos prescritos para (ou esperáveis de) uma pessoa que ocupe certa posição na estrutura social."¹

Em qualquer encontro, a relação entre papéis pode ser percebida e definida através de traços lingüísticos usados pelos participantes. Muitas vezes, por isso, o locutor pode experimentar certa dificuldade justamente por precisar encontrar a forma lingüística adequada ao tipo de papel exercido pelo seu alocutário.

No tocante ao estudo das relações entre papéis, foi dada atenção especial à questão das formas de tratamento.

Na abordagem ao interlocutor, o falante naturalmente esbarra com a necessidade de fazer a escolha certa da forma a ser usada. Esta escolha está relacionada a dimensões de poder e

familiaridade, de modo que, dependendo do papel do alocutário e/ou da situação em que esteja inserido, o falante pode fazer uso ou de uma forma cerimoniosa e formal ou de uma forma familiar e informal de tratamento.

Neste capítulo pretendemos mostrar as formas de tratamento colhidas e avaliar as relações que possam existir entre elas e os fatores de formalidade e familiaridade.

Poderemos apreciar os dados obtidos através de tabelas, que nos darão a percentagem de cada fator condicionante referente ao uso das formas.

2. Formas de Tratamento

TABELA Nº 1

Uso percentual das formas de tratamento: 2ª pessoa do singular

FORMAS DE TRATAMENTO	TOTAL DE OCORRÊNCIA DAS FORMAS	PERCENTAGEM	
TU	TU com flexão verbal	18	04%
	TU sem flexão verbal	27	06%
	Flexão verbal sozinha	44	10%
			20%
VOCÊ	130	31%	
ZERO	171	40%	
SENHOR	37	09%	
TOTAL	427	100%	

A tabela permite-nos ter uma visão geral das formas de tratamento usadas pelos informantes e a percentagem de seu uso.

2.1. Pronome TU

Pensamos ser interessante apresentar as diferentes variações do pronome TU nesta tabela por termos verificado que os falantes fazem grande uso delas, optando em primeiro lugar pelo uso da flexão sozinha, depois pelo TU sem flexão (com verbos de 3ª pessoa) e por último, pelo TU flexionado corretamente. Podemos notar a grande frequência com que os falantes usam a flexão sozinha (10%). Segundo Cunha (1970) e Bechara (1978), "os pronomes sujeitos EU, TU, ELE (ELA), NÓS, VÓS, ELES (ELAS) são normalmente omitidos em português porque as desinências verbais bastam, de regra, para indicar a pessoa a que se refere o predicado, bem como o número gramatical."

De modo geral, as gramáticas tradicionais do português consideram, no caso de se constatar ausência do pronome sujeito junto ao verbo, que a referência ao sujeito está na desinência verbal.

Vejamos alguns exemplos de nossos dados:

13F?L

- . Trabalhasa aqui há muito tempo, não?
- . Quereses me responder que horas são?
- . Qual é o remédio bom que tenss pra dor de garganta?

Causou-nos surpresa o fato de a informante usar, e muitas vezes, de maneira correta, a flexão referente ao TU, como vemos nos exemplos, visto ser de escolaridade primária, merendeira de escola. A princípio pensamos que talvez isso se explicasse levando-se em conta a sua convivência com pessoas de cultura mais elevada (os professores, por exemplo), o que a conduzia a um

uso mais apropriado da linguagem. Também consideramos que o fato de estar sendo gravada poderia tê-la influenciado.

No entanto, constatamos que quando usava o pronome sujeito (TU), não fazia a devida flexão verbal.

Observemos os exemplos:

- . Quanto é que tu cobra pra lavar um carro?
- . Tu poderia me responder onde fica o Palácio do Governo?
- . Onde é que tu estudou? Onde é que tu trabalhou?

Esse fato levou-nos a invalidar nossa primeira justificativa e a considerar, com mais atenção, o caso.

Examinando, então, os dados referentes aos demais informantes, ficamos surpresos ao verificar que a maioria deles também procede assim, independente do grau de instrução: usam a flexão verbal referente ao TU, quando este não está presente na frase.

Podemos citar o caso da informante nº 7, de nível superior de instrução. Vejamos alguns exemplos de sua fala, considerando este fenômeno.

7FYB

- . Quanto é que tu tá cobrando pra lavar o carro?
- . Tu sabe, por acaso, a hora que o Banco vai fechar?
- . Podias me informar a hora?
- . Tens uma ficha telefônica pra me vender, por favor?
- . Por acaso, tu conhece o remédio que é bom pra dor de garganta?

Este fato nos leva a pensar que a presença do pronome su-

jeito se basta como referência. Na sua ausência, no entanto, há necessidade de fazê-lo reconhecido através da flexão verbal, o que fez também a merendeira e a maioria dos informantes, naturalmente, de maneira inconsciente, sem sequer refletir sobre o assunto.

Observemos ainda os exemplos abaixo:

24F?Q2²

. Tu pode me informar onde é que fica o Correio?

26FYL2

. Oi, tu sabe onde fica o correio aqui?

7FYB7

. Por acaso, tu conhece um remédio bom pra dor de garganta?

. Tu sabe a hora que a lanchonete vai abrir?

Sobre o uso do pronome TU acompanhado das formas verbais de 3ª pessoa, há alguns trabalhos que comentam a respeito e sobre eles fizemos menção na seção 3.4, do capítulo I.

Embora as gramáticas confirmem a desinência verbal a referência ao sujeito, houve casos em que ficamos em dúvida quanto ao pronome sujeito, uma vez que a flexão verbal não permitiu que o identificássemos, como nos exemplos seguintes:

14FYL8

. Ei, por acaso, sabe onde fica a Biblioteca Pública?

18F?L5

. Bom dia, poderia me informar onde fica o Palácio do Governo?

Os informantes ora usavam o TU ora o VOCÊ nas outras abordagens feitas aos interlocutores, de modo que, ao fazerem perguntas do tipo acima, não nos permitiam captar sua intenção de referência. Poderiam estar se referindo ao TU (o que fariam sem a devida flexão), ou ao VOCÊ. Para resolvermos casos como este, induzíamos o informante a formular uma outra pergunta que o forçasse a esclarecer o pronome sujeito.

2.2. Pronome VOCÊ

O que nos levou a pesquisar a ocorrência de uso deste pronome liga-se ao fato de termos tomado conhecimento, através do depoimento de falantes florianopolitanos, de que os nativos, em sua maioria, só usam o pronome TU e não reconhecem a ocorrência do pronome VOCÊ.

Como podemos perceber pela Tabela 1, foi alto seu índice de uso, o que nos causou surpresa, visto esperarmos sua aparição com grau inferior.

Exemplos:

14FYL6

. Você podia me arrumar uma ficha telefônica?

10M?B2

. Você sabe onde fica o Correio?

2.3. Grau ZERO da Forma de Tratamento

O pronome ZERO³ refere-se à ausência de qualquer forma de tratamento pelo informante. Como afirmou Abreu em seu trabalho (1987), este torna-se numa maneira que o falante encontra de evitar qualquer das outras formas de tratamento que, talvez, possam comprometê-lo tanto com a semântica do poder quanto com a

de solidariedade.

Em nosso corpus foi constatada grande incidência de uso do grau ZERO da forma de tratamento, o que nos fez incluí-lo em nosso trabalho. Pela Tabela 1, podemos evidenciar seu grau de ocorrência que é superior aos demais pronomes.

Exemplos:

7FYB4

. Ei, ei, moço! Que horas tem?

26FYL~

. Que horas que vai reabrir a lanchonete?

2.4. A Forma SENHOR

Esta forma apresenta ocorrência muito inferior em relação aos demais pronomes, pelo fato de, em nosso trabalho, as fotografias terem sido preparadas de modo que não propiciariam sua aparição freqüente. Ao tirarmos as fotos escolhíamos apenas as pessoas mais jovens tendo em vista colhermos de nossos informantes o uso mais informal de tratamento que, por certo, recairia sobre os pronomes TU e VOCÊ, principalmente.

Embora tenhamos tentado não elicitá-lo, apresentou uma percentagem de 9%. Seu uso se deu especialmente com as fotografias 1 e 5. Sobre isso falaremos mais adiante, quando poderemos apreciar a tabela nº 7, que trata sobre o assunto.

Nas tabelas que se seguem tentaremos nos ater ao uso dos pronomes TU e VOCÊ, especialmente, visto serem o motivo maior de nossa pesquisa. Desejamos verificar até que ponto é usada uma e outra forma.

O grau ZERO da forma de tratamento também aparece nas tabelas junto aos demais pronomes.

3. Condicionadores Linguísticos

Considerando que talvez as dimensões de poder e solidariedade não estejam vinculadas apenas às formas de tratamento, buscamos checar em outras formas o seu vínculo.

Serão apresentados como condicionadores linguísticos as formas de interpelação e mitigação, que passamos a definir nos itens abaixo.

3.1. Formas de Interpelação

Consistem na abordagem ao interlocutor com o intuito de se estabelecer uma situação de conversação. Tais formas podem ser manifestas das seguintes maneiras:

. Chamamento:

7FYB4

. Ei, ei, que horas tem?

13F?L4

. Vem cá, faz o favor de dar uma paradinha.

Como esta forma não teve ocorrência significativa, nós não a incluímos na tabela correspondente.

. Vocativo:

16M?L2

. Moço, você sabe onde fica o Correio aqui?

21FYB~

. Guarda, esta, por acaso, é a rua do Correio?

. Polidez:

19MDL7

. Por favor, um remédio bom pra dor de garganta.

26FYL1

. Por gentileza, há alguma outra loja Kilar aqui no Centro?

. Cumprimento:

16M?L1

. Boa tarde, só existe nessa rua aqui essa loja da Kilar?

26FYL2

. Oi, tu sabe onde fica o Correio aqui?

. Outras:

Caracterizam-se pela combinação dos elementos apresentados (cumprimento + polidez; chamamento + cumprimento, por exemplo).

Muitas combinações foram testadas, porém não merecem menção por terem ocorrido com muito pouca frequência. As que foram expressivas foram aqui incluídas como formas à parte deste item.

São elas:

. Vocativo + Polidez:

19M?L4

. Moço, por favor! Podia me informar as horas?

15FDB6

. Senhorita, por gentileza! Teria uma ficha pra me vender?

. Chamamento + Vocativo:

15M?L~

. Ô, moço! Qual é a hora que vai abrir esse restaurante?

14FYL2

. Ei, menino! Gostaria de saber onde é que fica localizado o Correio.

. Nenhuma:

A ausência de qualquer das formas acima referidas também foi muito expressiva. Este é o motivo que nos levou a incluir este elemento em nossa tabela.

TABELA Nº 2

Freqüência percentual de uso simultâneo dos pronomes de tratamento e das formas de interpelação.

PRONO- ME	INTERPELAÇÃO							
	Voc. + Pol:	Cham. + Voc.	Poli- dez	Voc.	Cump.	Out.	Nenh.	T
TU	03 12%	01 03%	06 15%	05 09%	04 21%	07 23%	63 34%	89
ZERO	20 80%	20 59%	23 59%	27 46%	05 26%	17 57%	59 32%	171
VOCÊ	02 08%	13 38%	10 26%	26 45%	10 53%	06 20%	63 34%	130
TOTAL	25 100%	34 100%	39 100%	58 100%	19 100%	30 100%	185 100%	390

Pelo que podemos observar, de modo geral, as formas de interpelação são muito requeridas na ausência de pronome de tratamento. Apresentam-se, na verdade, como formas substitutivas dele e ocorrem com grau bastante elevado em relação às outras formas, exceto no tocante ao cumprimento, que se mostrou muito eficaz com o pronome VOCÊ. Percebe-se também que o grau ZERO de tratamento favorece em maior grau o uso do vocativo + polidez. Houve menos correlação das formas de interpelação com o pronome TU, o que pode ser explicado considerando ser ele uma forma mais direta e informal de tratamento. Era de se esperar que houvesse também, por isso, menor grau de polidez em relação a ele.

Observe-se quão significativa é a correlação dos pronomes de tratamento com as formas de interpelação.

3.2. Formas de Mitigação

São expressões lingüísticas cuja função consiste em suavizar o impacto da imposição exercida sobre o alocutário no ato do pedido.

Podem tomar formas tanto de modificações internas (ocorrem dentro do ato central do pedido) quanto externas (não localizadas no ato central, mas no seu contexto imediato).

Sirva de exemplo a seguinte sentença:

21F?Q6

- . Escuta, moça! Não trouxe ficha. Poderia me vender ou em-
 Mit. externa prestar uma pra mim? Ato central (miti-
 gação interna)

3.2.1. Mitigação Sintática (Interna)

Ato Central - Elementos de Abrandamento Sintático:

1. Interrogação:

12M?L3

- . Poderia me informar que horas que o Banco vai fechar?

26FYL2

- . Você sabe onde fica o Correio?

2. Negação:

17FDQ6

- . Escuta, será que não davas uma ficha?

19MDL6

- . Não tens uma ficha pra me vender?

3. Condicional:

16M?L5

- . Ô, senhorita! Você podia me informar onde fica o Palácio do Governo, por favor?

7FYB1

- . A senhora podia me informar se há alguma outra loja Kilar aqui em Florianópolis?

Dos mitigadores sintáticos é o CONDICIONAL o elemento de abrandamento mais corrente na fala de nossos informantes, sobrepunhando em muito aos demais, razão pela qual será apresentado na tabela 3.

3.2.2. Mitigação Externa

Adjuntos ao ato central: Modificam indiretamente a força ilocucionária.

São eles:

1. Investigação de disponibilidade

9MYL8

- . Eu precisaria de uma informação. Você poderia me informar onde fica a Biblioteca Pública?

2. Pré-comprometimento

13F?L4

- . Vem cá; faz o favor de dar uma paradinha.

3. Justificativa

8FYB6

- . Estou morrendo de dor de garganta! Poderias me indicar um remédio pra dor?

4. Elemento adulator

(Não apareceu em nossos dados)

- Ex.: Que letra linda! Posso pegar seu caderno emprestado?

5. Desarmador

(Também não ocorreu em nossos dados)

- Ex.: Eu espero que não me consideres um chato, mas poderias me dar carona?

6. Minimizador de "custo"

23MYB6

- . Com licença só um minutinho! Eu tô sem ficha...

Em relação aos mitigadores externos ao ato central não houve significativa representação de um em contraste com os demais. Devido a isto, estarão vinculados na tabela a seguir ao termo OUTRAS, que significa, então, outras formas de mitigação.

TABELA Nº 3

Percentagem de uso dos pronomes de tratamento X formas de mitigação.

PRONOME	MITIGAÇÃO			TOTAL
	Condicional	Outras	Nenhuma	
TU	23 16%	04 40%	62 26%	89
ZERO	58 42%	03 30%	110 46%	171
VOCÊ	58 42%	03 30%	69 28%	130
TOTAL	139 100%	10 100%	241 100%	390

Segundo a Tabela nº 3, os resultados mostram que as formas ZERO e VOCÊ são acompanhadas de maior mitigação, empatando mesmo na percentagem de uso. A frequência de ocorrência de mitigação em relação ao pronome TU é inferior, o que vem comprovar nossa hipótese inicial: sendo este uma forma mais informal de tratamento, usada entre íntimos, era de se esperar uma menor marca de mitigação.

Esperávamos que a mitigação fosse mais exigida na ausência do pronome de tratamento (assim como aconteceu com as formas de interpelação); no entanto, os dados mostram o contrário. A percentagem é maior em relação ao emprego de nenhuma mitigação em referência ao pronome ZERO (46%).

4. Condicionadores Sociais

4.1. Escolaridade

Optamos por três níveis de escolaridade: primário-considerando todo o 1º grau; secundário-correspondente ao 2º grau, e universitário.

Não exigimos que nossos informantes tivessem já concluído quaisquer dos níveis.

Os resultados relativos à escolaridade podem ser apreciados na tabela seguinte.

TABELA Nº 4

Percentagens de uso dos pronomes de tratamento X o nível de escolaridade do informante.

PRONOME	NÍVEL DE ESCOLARIDADE			
	Primário	Secundário	Universitário	Total
TU	24 18%	29 23%	36 27,5%	89
ZERO	58 44%	54 42%	59 45%	171
VOCÊ	49 38%	45 35%	36 27,5%	130
TOTAL	131 100%	128 100%	131 100%	390

A Tabela nº 4 mostra que o grau ZERO de tratamento é favorecido pelos três níveis de escolaridade que, em relação a ele,

em relação a ele, apresentam um percentual de uso semelhante, o que prova que o pronome não está condicionado à escolaridade.

Observemos também que, quanto maior é o nível de escolaridade do informante, maior é a opção pelo pronome de tratamento TU. Tal fato talvez possa ser explicado se considerarmos que as pessoas de nível superior sentem maior segurança no seu desempenho lingüístico com o seu interlocutor, o que as conduz a um relacionamento mais solidário. Observe-se que o uso percentual dos pronomes TU e VOCÊ é o mesmo na fala de universitários. Vimos que estas duas formas estão competindo em condições de igualdade dentro deste nível.

Os falantes de educação primária, por outro lado, hesitam em fazer uso do TU. Talvez por serem impelidos pela necessidade de maior educação e obtenção de maior segurança façam uso mais freqüente de VOCÊ, o que implica num tratamento mais formal e mais educado.

O nível secundário não apresentou muita diferença em relação ao nível primário, razão que nos levou a não fazermos referência a ele no comentário.

4.2. Faixa Etária

Nosso trabalho inclui três grupos etários, considerados como fatores condicionadores externos: Jovens (20-35 anos), meia-idade (36-50) e velhos (51 em diante).

Esses grupos foram assim distribuídos tendo em vista verificar se a faixa etária do informante pode exercer alguma influência sobre ele no tocante à escolha da forma de tratamento.

Verifiquemos os resultados na Tabela nº 5, a seguir.

TABELA Nº 5

Uso percentual dos pronomes de tratamento segundo a faixa etária do informante.

PRONOME	FAIXA ETÁRIA			TOTAL
	20-35	36-50	51 ...	
TU	27 22%	40 29%	22 17%	89
ZERO	60 49%	63 46%	48 37%	171
VOCE	36 29%	35 25%	59 46%	130
TOTAL	123 100%	138 100%	129 100%	390

A Tabela nº 5 nos revela que os falantes da faixa etária de 51 em diante favorecem muito mais o uso do pronome VOCE do que os demais falantes. Esperávamos que fossem os jovens a fazer maior uso dessa forma, já que no sistema de tratamento florianopolitano seria a variante inovadora. Acreditamos que isso ocorra devido ao fato de os mais idosos primarem por um comportamento lingüístico mais educado em sua relação com o semelhante.⁴ Esse fato pode ser exemplificado com o que testemunhou um dos nossos informantes pertencente à faixa etária referida.

28MDQ

"É muito difícil eu usar o TU, mas uso com colegas com quem cresci junto. Pra mim implica em intimidade. Com a família eu só uso VOCÊ. Todos somos ilhéus e se usamos VOCÊ é porque depende da formação de cada família. Sempre aprendi na Escola Municipal que o TU era falta de educação. Com pessoas mais jovens uso VOCÊ; com colegas de serviço uso SENHOR e com pessoas mais velhas também: SENHOR(A). Acredito que as famílias mais antigas usam VOCÊ e as mais modernas o TU. Imagine que até os mais jovens usam o TU comigo!"

Os informantes da faixa de 20-50 anos apresentam o percentual mais elevado e quase idêntico, de uso em relação ao grau ZERO de tratamento, seguido por uma percentagem também aproximada entre eles de uso do pronome VOCÊ. Já o pronome TU apresenta-se com uma percentagem mais alta entre os informantes de 36-50 anos.

Observa-se, assim, que a faixa etária dos informantes acarreta no uso diferenciado da forma de tratamento.

4.3. Sexo

Algumas pesquisas sociolinguísticas têm constatado que a variação encontrada em formas de tratamento (VOCÊ X SENHOR(A)) é, na maioria das vezes, afetada pelo sexo do informante (Ver Tarallo, p.47).

Segundo alguns sociolinguistas, as mulheres são as principais responsáveis pela mudança linguística visto serem muito mais sensíveis às normas de prestígio que os homens (Wolfram &

Fasold, 1974:94).

De acordo com o pensamento de outros estudiosos, elas são colocadas como propulsoras de variantes conservadoras (Tarallo, 1985:62).

A fim de avaliarmos estas colocações e verificarmos de que maneira homens e mulheres florianopolitanos fazem uso das formas de tratamento, fizemos uso da variável SEXO em nossa pesquisa.

A Tabela abaixo permite-nos constatar a frequência com que homens e mulheres utilizam os pronomes.

TABELA Nº 6

Uso percentual dos pronomes de tratamento segundo o SEXO do informante.

PRONOME	SEXO		
	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
TU	34 18%	55 28%	89
ZERO	87 45%	84 42%	171
VOÇÊ	70 37%	60 30%	130
TOTAL	191 100%	199 100%	390

Pela tabela verificamos, numa leitura vertical, que tanto os homens quanto as mulheres apresentam maior incidência do grau ZERO de tratamento, que apresenta uma porcentagem aproximada de uso pelos dois sexos. Em seguida, usam mais a forma VOCE e, finalmente, a forma TU.

Percebemos a preferência dos homens pela forma VOCE que, comparada ao TU, revela uma porcentagem bem mais alta.

Em relação às mulheres, no entanto, não há diferença marcante se considerarmos a porcentagem de uso dos dois pronomes que é muito próxima.

Ao fazermos a leitura horizontal em nossa tabela, constatamos que a porcentagem de uso da forma TU é mais marcada pelo sexo feminino.

Nossa hipótese, ao contrário do que os resultados apontam, era que as mulheres usariam mais a forma VOCE do que os homens, visto ser atribuído a elas um modo de falar mais cuidado e polido. Sendo assim, a forma VOCE, conceituada como uma forma mais educada, caracterizaria mais adequadamente seu comportamento lingüístico.

Pelo resultado geral, constata-se não haver diferença marcante referente ao uso dos pronomes que nos permita concluir ser o fator SEXO um condicionador altamente significativo da escolha das formas de tratamento.

4.4. Situação

Pensando que a situação em que se inserem os interlocutores possa ser um fator provável de condicionamento da escolha

do tratamento, achamos interessante incluir também esta variável extra-lingüística em nosso trabalho.

Embora tenhamos selecionado as fotografias de modo que as situações fossem bem informais (por razões já apresentadas na Metodologia), ainda assim, percebe-se alguma hesitação por parte de falantes quanto ao uso devido do tratamento em certas ocasiões. Sirva de exemplo o fato de optarem pelo grau ZERO da forma de tratamento, cuja frequência é superior em relação às demais formas.

Examinemos a Tabela nº 7, a seguir.

TABELA Nº 7

Percentagem de uso das formas de tratamento em relação ao contexto situacional.

Os números 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10 referem-se às fotos.

FORMAS	SITUAÇÃO										TOTAL
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
TU	01	17	08	06	04	14	09	08	11	11	89
	03%	26%	19%	16%	11%	33%	22,5%	22%	25%	25%	
ZERO	22	21	19	24	20	08	13	15	10	19	171
	58%	33%	44%	65%	54%	19%	32,5%	39%	23%	43,2%	
VOCE	02	26	12	06	06	16	15	15	19	13	130
	05%	41%	28%	16%	16%	38%	37,5%	39%	43%	29,5%	
SENHOR	13	00	04	01	07	04	03	00	04	01	37
	34%	-	09%	03%	19%	10%	7,5%	-	09%	02,3%	
TOTAL	38	64	43	37	37	42	40	38	44	44	427

De todas as situações, apenas as contidas nas fotografias 1 e 5 apresentaram maior ocorrência da forma SENHOR. Este tratamento cerimonioso foi dado a uma "margarida" (foto 1) e a uma policial (foto 5). Pensamos ser justificável tal uso, uma vez que o interlocutor da primeira foto é a única pessoa a aparentar mais idade, comparado às demais pessoas; logo, sua aparência é de uma senhora e, por isso, julgamos ser perfeitamente aceitável este tratamento. Quanto à foto 5, embora a pessoa seja jovem, o uso da forma SENHORA foi utilizado, certamente devido à função exercida por ela, pois o fato de ser uma policial impõe, de certa forma, um ar de respeito à situação, o que leva a uma abordagem mais formal e cerimoniosa por parte do falante.

Interessante é notarmos a incidência de uso menor relativo ao pronome TU, quando era de supor, pela informalidade das situações, que seria a forma mais requerida pelos falantes. Acreditamos que isso encontre respaldo nos depoimentos dados pelos informantes de que, com estranhos, pessoas não íntimas, a forma VOCÊ deva ser usada.

4.5. Escolaridade e Padrão Social

Com o intuito de verificar o condicionamento que escolaridade e padrão social possam exercer na escolha de determinada forma, consideramos ser importante incluir estes níveis em nossa pesquisa.

A tabela a seguir mostra a frequência percentual de uso dos pronomes segundo o nível de escolaridade do informante e o "padrão social" do interlocutor.

Esclareça-se que o "padrão social" do interlocutor era avaliado de acordo com sua postura e aparência e, o do informante, de acordo com o nível de escolaridade.

Consideramos os informantes de nível primário e secundário pertencentes à classe social baixa e os de nível universitário, à classe média. Isso se explica pelo fato de, não tendo ainda concluído o curso médio, o indivíduo não estar habilitado a exercer funções que lhe garantam melhores condições de vida. Por outro lado, poder cursar a Universidade ainda é privilégio de poucos, a saber, daqueles que, em sua maioria, não precisam trabalhar.

Observemos os resultados na tabela nº 8.

TABELA Nº 8
Escolaridade e padrão social.

PRONOMES	PRIMÁRIOS		UNIVERSITÁRIOS		TOTAL
	Classe baixa	Classe média	Classe baixa	Classe média	
TU	09 20,5%	05 13%	11 24%	10 28%	35
ZERO	16 36,3%	18 46%	21 47%	17 25%	72
VOCÊ	19 43,2%	16 41%	13 29%	09 47%	57
TOTAL	44	39	45	36	164

Foi excluído o nível secundário desta tabela, visto não haver apresentado diferença significativa em relação ao nível primário, como constatamos na Tabela nº 4.

Ao analisarmos os dados, deparamo-nos com resultados inesperados.

Estávamos certos de que os informantes de nível primário seriam bastante informais e solidários no tratamento com seus alocutários de mesmo padrão social. Desta forma, recairia o uso mais marcante sobre o pronome TU entre as díades. No entanto, foram as formas VOCÊ e ZERO as que apresentaram maior percentagem de uso (Ver Tabela nº 4).

Outrossim, em relação ao tratamento aos interlocutores de padrão social superior era de se esperar uma forma mais cerimoniosa de tratamento, e isso, de fato, ocorreu.

Quanto aos falantes universitários, ao se dirigirem a interlocutores de nível social inferior, optam com maior frequência pelo grau ZERO da forma de tratamento, e ao tratarem os de nível social semelhante ao seu, usam em maior proporção a forma VOCÊ, o que parece denotar menos intimidade e solidariedade entre as díades.

O fator mais interessante situa-se no fato de haver maior competição entre a forma VOCÊ e o grau ZERO de tratamento em todos os níveis, enquanto é relegado a último plano a forma TU, o que confirma os resultados apresentados na Tabela nº 1. Além disso, constata-se que tanto informantes de nível primário quanto os de nível universitário mostram maior preferência pelo uso de VOCÊ na abordagem feita a interlocutores de nível igual ao seu.

Havendo já considerado a influência que o fator SEXO poderia ter sobre a escolha do tratamento a ser usado pelos falantes, e tendo constatado não ser significativa tal influência, achamos por bem considerar desta vez, então, o uso dos pronos-

mes segundo o sexo dos informantes e também dos interlocutores a fim de verificarmos a possibilidade de obtenção de algum resultado contrário ao já apresentado.

Vejamos a frequência percentual do uso dos pronomes segundo o que foi acima exposto.

TABELA Nº 9

Onde se vê M > M, lê-se: informante feminino dirigindo-se a interlocutor feminino; H > H: informante masculino em relação a interlocutor masculino.

PRONOME	DÍADES				TOTAL
	M > M	M > M	H > H	H > H	
TU	17 29%	25 34%	11 15%	06 11%	59
ZERO	25 43%	28 38%	36 48%	28 51%	117
VOCÊ	16 28%	21 28%	28 37%	21 38%	86
TOTAL	58	74	75	55	262

A tabela mostra que, mais uma vez é o grau ZERO da forma de tratamento o mais utilizado pelos informantes. Parece estar bem claro que tanto homens quanto mulheres optam inicialmente, numa situação de conversação, por uma forma que lhes permite evitar qualquer comprometimento com o seu alocutário em termos de comportamento formal e cerimonioso (VOCÊ) ou informal e familiar (TU).

É bastante significativo o fato de, na díade H > H, a percentagem relativa ao pronome VOCÊ ser superior (37%) a do pronome TU (15%). Esse fato é bem semelhante em relação à díade H > H. No entanto, na díade M > M, a percentagem não apresenta resultado significativo quanto ao uso das duas formas. Os informantes femininos usam tanto o TU quanto o VOCÊ ao se dirigirem a seus interlocutores.

Os resultados mostram que os homens são menos solidários do que as mulheres no tratamento dado ao seu interlocutor, seja ele do sexo masculino ou feminino; fato que contraria o apresentado pela literatura sociolinguística, como já foi aventado.

5. Considerações Finais

Os resultados obtidos na análise dos dados remetem-nos à algumas informações contidas no Capítulo I, referentes à revisão de trabalhos de literatura sociolinguística. Achamos importante destacar algumas delas, considerando sua relação com o sistema de tratamento florianopolitano.

Jensen observou que o sujeito em português, como em japonês, coreano, espanhol e indonésio é frequentemente omitido, sendo quase sempre possível evitar a escolha T/V, pelo simples ato de não se usar nenhum pronome com referência ao ouvinte. Constatou, assim, o surgimento de um 3º elemento no sistema pronominal, ou seja, a realização ZERO do sujeito - algo como o uso do nome pelos vietnamitas como forma de evitar a expressão manifesta do honorífico.

Em nosso corpus verificamos a incidência grande de uso deste elemento no sistema florianopolitano, comparado com as de-

mais formas. Sua freqüência foi tão expressiva que fomos impedidos a considerá-lo como uma forma a mais de que o falante dispõe para interpelar seu alocutário.

Esse fato foi também evidenciado por Abreu em seu trabalho em Curitiba.

O fato de omitir o pronome sujeito resulta na neutralidade de tratamento pelo falante, que é favorecido por não ter que se comprometer com a semântica do poder ou de solidariedade em casos em que não esteja certo quanto ao uso devido do pronome.

À semelhança de Silva, Biderman & Jensen, em seus estudos sobre o tratamento no Brasil, nós constatamos no sistema florianopolitano o uso da forma TU com verbos de 3ª pessoa, associados a VOCE e SENHOR.

Jensen notou também que, no Sul do Brasil, onde o TU é usado regularmente, ele serve como a forma "T" em relação às pessoas solidárias, relegando VOCE para uso com estranhos iguais. Esta descoberta foi evidenciada por nós e as opiniões dos informantes corroboram para essa afirmação.

Dos lingüistas mencionados apenas Brian Head reconhece um sistema ternário (com S, V e T) em algumas partes do Brasil.

Os resultados de nossa análise mostram que na Ilha de Santa Catarina, além dessas formas, há ainda o grau ZERO de tratamento usado pelos ilhéus. Este resultado contraria nossa hipótese inicial de um sistema ternário em Florianópolis. Pelo que pudemos avaliar, torna-se viável a consideração de um sistema quaternário nesta cidade.

Notas

- ¹ROBINSON, W.P. Linguagem e comportamento social. São Paulo, Cultrix, 1972. p.114.
- ²Neste capítulo, o código do informante, em alguns exemplos, foi acrescido de um algarismo final que corresponde ao número da fotografia. Com exceção das fotos 1 (=I) e 10(~), as demais recebem o algarismo normal correspondente.
- ³Este termo foi utilizado por Jensen (1981) e implica na omissão do pronome sujeito pelo falante. Por considerarmos tratar-se de um termo apropriado à questão, o utilizamos em nosso trabalho, atribuindo-lhe o mesmo valor.
- ⁴Biderman (1972) e Silva (1982) em seu estudo sobre o tratamento no Brasil, observaram que pessoas de educação mais conservadora usam o tratamento mais formal e menos familiar.

CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho era apresentar as formas de tratamento-sujeito referentes à 2ª pessoa do singular usadas pelos ilhéus florianopolitanos, residentes na zona urbana.

Analisados os dados, verificamos que os nossos informantes omitem muito o pronome sujeito de tratamento. Do total de ocorrências das formas (427), 171 (40%) favoreceram o grau ZERO da forma de tratamento.

Em relação às demais formas, constatamos o uso maior do pronome VOCÊ (31%), seguido de TU (20%) e por último, SENHOR (09%), cuja percentagem é bem inferior por motivo já apresentado.

Foi constatado que o pronome TU apresenta diferentes variações no dialeto florianopolitano. Ora aparece flexionado corretamente (04%), ora apresenta-se sem a devida flexão verbal (06%) com verbos de 3ª pessoa e, na maioria das vezes, é referido na flexão verbal sozinha (10%).

Os fatores lingüísticos considerados, atuaram como condicionadores da escolha do pronome de tratamento. Foram eles: as formas de interpelação e as formas de mitigação.

No que se refere aos condicionadores sociais, a escolaridade e a faixa etária foram os que mostraram maior atuação.

A forma SENHOR é usada em relação à pessoas mais velhas, mas em certas ocasiões o seu uso independe da idade, por estar condicionado mais à situação de interação.

Em relação às formas TU e VOCÊ, parece-nos acertado afirmar que, se por um lado, a permanência de turistas e de pessoas oriundas de outros Estados, bem como a televisão e os demais meios de comunicação, exercem influência, incentivando o uso de VOCÊ, por outro lado, a permanência de famílias descendentes de colonizadores imigrantes, na Ilha, motiva a subsistência do tuteamento.

No que tange à análise quantitativa relativa a esses dois pronomes, percebemos que o VOCÊ compete com o TU na fala dos ilhéus. Porém, em termos semânticos o VOCÊ parece se aproximar mais da forma SENHOR, por ser considerada forma mais respeitosa e formal de tratamento.

Os resultados não só confirmaram nossa hipótese de um terceiro elemento: VOCÊ, incorporando-se ao sistema binário (TU, SENHOR) já existente, como também comprovaram a existência de um quarto elemento: grau ZERO de tratamento.

Deste modo, podemos afirmar que nossa hipótese a respeito de um sistema ternário foi contrariada pela constatação de um sistema quaternário com as formas TU, SENHOR, VOCÊ e ZERO, no quadro das formas de tratamento em Florianópolis.

O estudo das formas de tratamento demonstra que a linguagem é dinâmica e está sempre em constante estado de variação e mudanças, o que a torna alvo para muitos estudos lingüísticos em todo o mundo.

Nesta dissertação demos atenção especial ao uso atual das formas de referência, enfatizando o uso do TU e VOCÊ sem, contudo, abranger o estudo das formas oblíquas (TE, TI, CONTIGO/LHE) e dos pronomes possessivos correspondentes que, claramente, constituem outra área possível de pesquisa.

Seria interessante também, avaliar, nos condicionamentos lingüísticos, o uso do Imperativo (Faz o favor ou Faça o favor) em sua relação com os pronomes de tratamento usados.

Finalmente, a coleta de dados bem naturais, não prejudicados pela interferência de elementos negativos (gravador exposto, por exemplo) é outro fator que deve ser considerado nas próximas pesquisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Maria Teresa dos Santos. Formas de tratamento: dialeto urbano e oral de Curitiba. Florianópolis, UFSC, 1987. / Dissertação de Mestrado/
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. Novíssima gramática da língua portuguesa. 33.ed. São Paulo, Saraiva, 1985.
- BECHARA, Evanildo. Moderna gramática portuguesa. 31.ed. São Paulo, Nacional, 1987. p.96.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Formas de tratamento e estruturas sociais. ALFA (1972-73), p.339-382.
- BLUM-KULKA, Shoshana & OLSHTAIN, Elite. Requests and Apologies: A Cross-Cultural Study of Speech Act Realization Patterns. Applied Linguistics, V.5, nº 3, 1984. p.200-205.
- BROWN, Roger. Psycholinguistics. New York, Free Press, 1970. 392p.
- BROWN, Roger & FORD, Marguerite. "Address in American English", in: HYMES, Dell. Language in Culture and Society. New York, 1964.

- BROWN, Roger & GILMAN, Albert. "The Pronouns of Power and Solidarity", in: Style in Language. Cambridge, MIT, 1960. p.253-276.
- CALDEIRA, Almiro. Arca açoriana. Florianópolis, UFSC, 1984. 154p.
- CASCAES, Franklin. O fantástico na Ilha de Santa Catarina. Florianópolis, UFSC, 1979. 97p.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. Novíssima gramática da língua portuguesa. 21.ed. São Paulo, Nacional, 1980. 439p.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Luís F. Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. 2.ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985. 714p. p.284-289.
- CUESTA, Pilar Vásquez & LUZ, Albertina Mendes da. Gramática portuguesa. Madrid, Guedon, 1971. 702p. p.488-489.
- DITTMAR, Norbert. Sociolinguistics. London, Edward Arnold Ltda., 1976. 307p.
- DUBOIS, Jean et alii. Dicionário de lingüística. São Paulo, Cultrix, 1973. 653p.
- DUSILEK, Darci. A arte da investigação criadora. 2.ed. Rio de Janeiro, JUERP, 1980. 197p.
- FURLAN, Oswaldo A. O português de ascendência luso-açoriana em Santa Catarina: estudo diacrônico e etnolingüístico. Florianópolis, UFSC, 1987. p.99-100. /Tese de Concurso Público/
- GARMADI, Juliette. Introdução à sociolingüística. Dom Quixote, Lisboa, 1983.

- HEAD, J. Brian. "Social Factors in the Use of Pronouns For the Addresses in Brazilian Portuguese", in: Readings in Portuguese Linguistics. North-Holland Publishing Company, 1976. p.289-343.
- HYMES, Dell. Language in Culture and Society. New York, Harpes & Row, 1964. 764p.
- JENSEN, John B. Forms of Address in Brazilian Portuguese: Standard European or Oriental Honorifics? Amsterdam, John Benjamins B.V., 1981. p.45-61.
- LABOV, William. "Stages in the Acquisition of Standard English", in: SHUY, R. Social Dialects and Language Learning: Proceedings of the Bloomington. Indiana, 1964. 183p.
- _____. Sociolinguistics Patterns. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972.
- _____. "Field Methods of the Project on Linguistic Change and Variation", in: Working Papers in Sociolinguistics. nº 81. Austin, Southerwest Educacional Development Laboratory, 1981. p.2-51.
- LAMBERT, W.E. "The Use of Tu and Vous as Forms of Address in French Canada: A Pilot Study" (1967) Separata do Journal of Verbal Learning Behavior, Canada, 6:614-617, 1967.
- LIMA, Rocha. Gramática normativa da língua portuguesa. 26.ed. Rio de Janeiro, Olympic, 1972. 506p.
- LIRA, Solange de Azambuja. Nominal and Pronominal and Zero Subject in Brazilian Portuguese. Philadelphia, 1982. /Tese de Doutorado/
- LYONS, John. Novos horizontes em lingüística. São Paulo, Cultrix, 1976. 348p.

- LYONS, John. Linguagem e lingüística - uma introdução. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- PAULSTON, Christina Bratt. Pronouns of Address in Swedish: Social Class Semantics and a Changing System. University of Pittsburgh, Lang. Soc. 1973. p.359-386.
- ROBINSON, W.P. Linguagem e comportamento social. São Paulo, Cultrix, 1972. 207p.
- SACHET, Celestino. A literatura de Santa Catarina. Florianópolis, Lunardeli, 1979. 291p.
- SANKOFF, Gillian. The Social Life of Language. University of Pennsylvania Press, 1986. 373p.
- SILVA, Giselle Oliveira e. Estudo da regularidade na variação dos possessivos no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, UFRJ, 1982. /Tese de Doutorado/
- SLOBIN, Dan Isaac. Some Aspects of the Use of Pronouns of Address in Yiddish. Harvard University, Center for Cognitive Studies, 1963. p.193-201.
- TARALLO, Fernando. A pesquisa sociolingüística. São Paulo, Ática, 1985. 96p.
- WILHELM, Eberhard Axel. Pronomes de distância do português actual em Portugal e no Brasil. Textos de Lingüística-4. Lisboa, INIC, 1979. p.17-46.
- WOLFRAM, Walter A. The Study of Social Dialects in American English. New Jersey, Cliffs, 1974. p.177-179.

A N E X O S

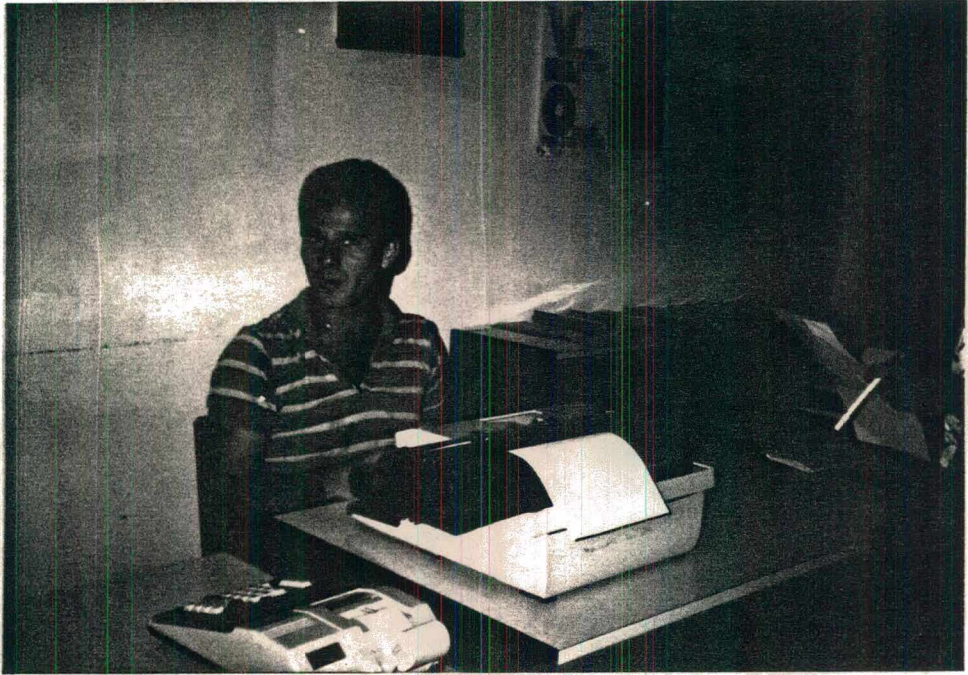
ANEXO 1

Fotografias X Perguntas feitas aos alocutários.

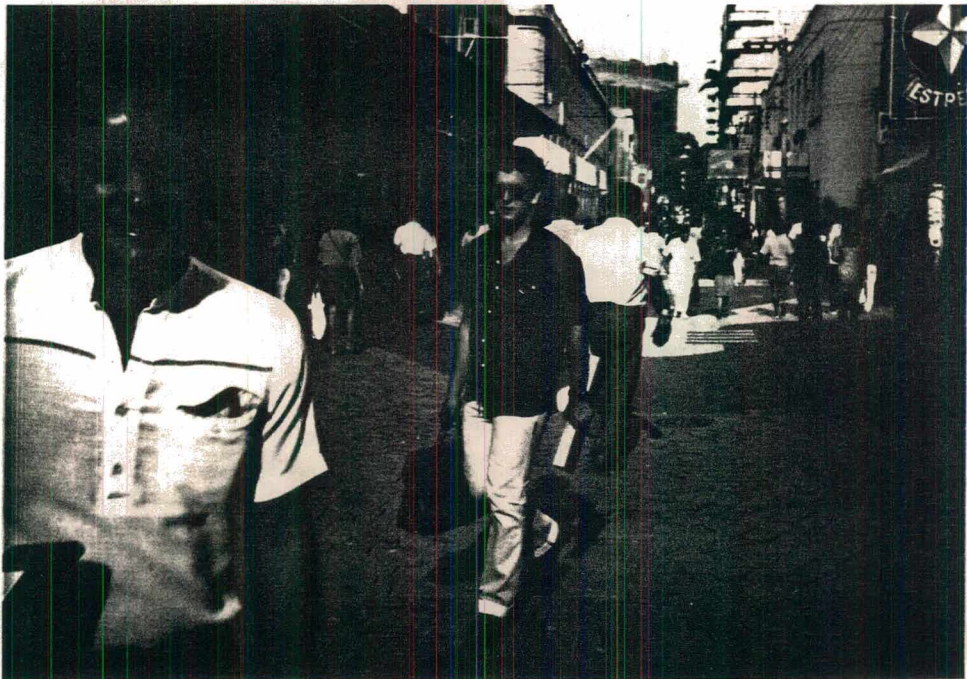
FOTOGRAFIA 1 - Pergunte à esta margarida se só existe essa Loja Kilar no Centro de Florianópolis.



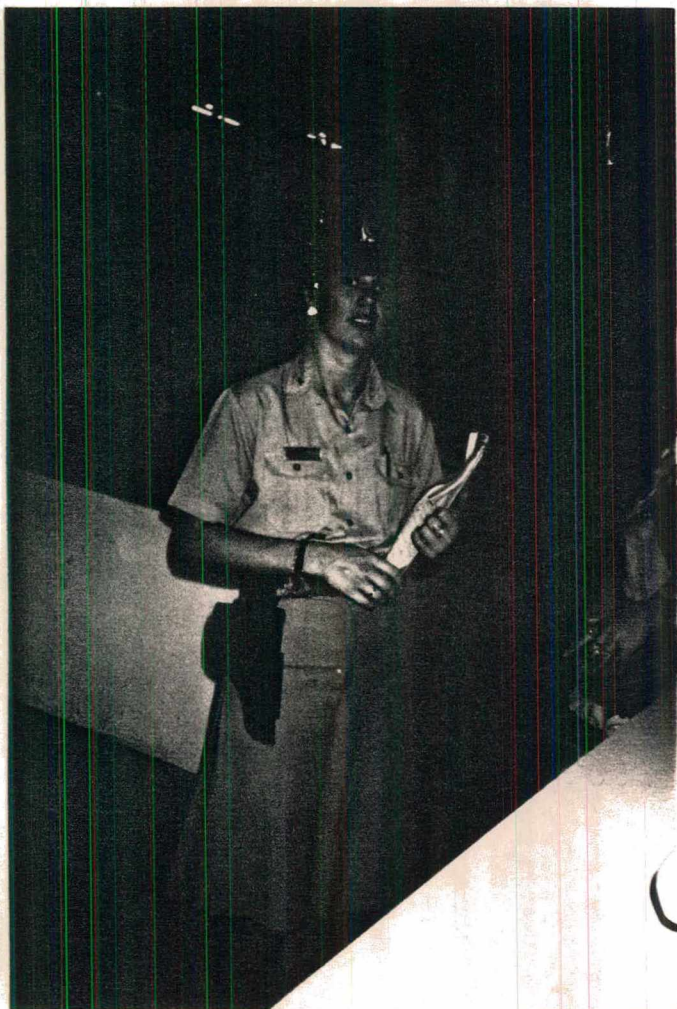
FOTOGRAFIA 2 - Pergunte a ele onde fica a rua do Correio.



FOTOGRAFIA 3 - Pergunte a este rapaz se ele sabe a que horas o Banco fecha.



FOTOGRAFIA 4 - Pergunte as horas para ele.



FOTOGRAFIA 5 - Pergunte a esta policial onde fica o Palácio do Governo



FOTOGRAFIA 6 - Pergunte a esta farmacêutica se ela pode indicar um bom remédio para dor de garganta.



FOTOGRAFIA 7 - Pergunte a ela se ela tem uma ficha telefônica para emprestar.



FOTOGRAFIA 8 - Pergunte a este rapaz se ele sabe onde fica a Biblioteca Pública.



FOTOGRAFIA 9 - Pergunte a ela sobre os diversos tipos de doces que são vendidos nessa padaria. Peça-lhe para indicar os melhores.



FOTOGRAFIA 10 - Pergunte-lhe a que horas a lanchonete vai reabrir.

ANEXO 2

Opinião dos informantes sobre as formas TU e VOCÊ.Informante 1:

Não sei bem qual a diferença entre o TU e VOCÊ, mas acho que o TU é mais comum mesmo a gente falar. VOCÊ é mais com gente desconhecida, sabe?

Informante 2:

Uso pouco o TU. Acho que é hábito da gente pegar o VOCÊ. Talvez ao conversar, a gente começa usando VOCÊ... Em casa, às vezes uso o TU, às vezes VOCÊ. Depende muito da pessoa que a gente se dirige. Se for uma pessoa mais velha, mais adulta, no caso, eu não uso o TU, eu uso o VOCÊ. Uma senhora não tão idosa eu uso o VOCÊ porque não fica bem o TU. É mais respeito. O Tu é mais aberto, mais íntimo. O VOCÊ é mais formal, mais de respeito.

Informante 3:

O uso do VOCÊ é bem difícil; é raras vezes. Só quando estou com vontade. Não depende da pessoa. Em casa, mais o TU eu uso. Acho que é hábito mesmo da terra, não sei.

Informante 4:

Só uso o TU porque é um hábito do pessoal nativo, do pessoal da Ilha. 90% do pessoal aqui fala. Não sei quando usaria o VOCÊ. TU/VOCÊ são iguais. Um senhor de terno trato por SENHOR.

Informante 5:

Uso as duas coisas: TU/VOCÊ. Sei lá, de repente... Fora de casa uso o VOCÊ porque acho legal, mais certo. Depende da pessoa. Bem íntimo uso o TU mesmo. Em casa uso o TU por causa do hábito.

Informante 6:

(Apresentado no trabalho).

Informante 7:

Eu uso muito TU porque é costume mesmo, lingüístico. Ilhéu, eu acho. É pelo fato de ser açoriano mesmo, mais portuguesado, né? Nossa colonização aqui. Então agente tem costume mesmo de falar o TU. Raramente uso VOCÊ e quando me acho usando, eu acho que é artificial. Pra te dizer bem, não sei quando bem de verdade, citar assim quando é artificial. Pra mim é mais natural falar no TU. Se eu falasse no VOCÊ, eu estaria tipo... é uma coisa mais distante, mais esnobe. VOCÊ seria algo mais formal pra mim. Não tem nada a ver com educação. O TU seria mais coloquial, familiar, informal. Em casa só uso o TU.

Informante 8:

Só uso o TU porque eu sou daqui. O VOCÊ pra mim soa estranho. Quando a pessoa não é daqui, tudo bem. Daqui soa esnobe. Eu não misturo. Eu só uso o TU. Ou então eu nem uso o pronome, né? Eu uso de uma forma mais... eu emito, né? Mais pelo verbo. Eu só uso o TU. Às vezes que eu uso o VOCÊ, é com meu filho, quando eu brigo com ele. Acho o VOCÊ muito rude. Acho que fica mais formal. Mesmo com estranhos eu só usaria o TU. Eu sempre uso o TU.

Informante 9:

Só uso VOCÊ. É uma condição de convivência adquirida por mim mesmo. Dos familiares, dos amigos. Eu não acho muito correto a utilização do TU. Não sei bem. Sei lá. Em casa, de vez em quando eu uso O TU. É uma coisa assim que sai, mas eu falo mais o VOCÊ. Às vezes sai o TU. Eu classifico o TU uma coisa mais vulgar... os dois são popular. O TU seria tratamento não muito cordial. Não vejo formalidade ou respeito neles. O VOCÊ é mais bonito e TU é mais popular.

Informante 10:

No meu jeito de ver, o TU aqui é muito usado. Eu uso só o VOCÊ, até em casa. É forma de expressão, eu acho. Eu uso os dois, mas coincidiu que nessa hora eu falei VOCÊ. Às vezes, sem querer, uso VOCÊ. Tenho certeza que uso os dois. VOCÊ é um sinônimo de respeito, eu acho. TU é mais íntimo: Eu te conheço, tu irás comigo em tal lugar. Se for bem conhecido, mas uso o VOCÊ também.

Informante 11:

Uso o TU porque é costume. Às vezes, uso VOCÊ. Eu usava muito o VOCÊ na escola, com o professor. Tu é mais... sei lá. VOCÊ é mais a pessoa, né? VOCÊ, eu vou tá separando. É mais formal. O TU é mais familiar. Com os amigos é TU, VOCÊ. É mais TU, né?

Informante 12:

Uso o TU. Tudo é TU, TU, TU, TU. Uso o VOCÊ é muito difícil, mas só quando estou com vontade. Com os colegas geralmente uso o TU. Com pessoas que não conheço também uso o TU. A gente

já pegou o ritmo de dizer TU, TU, TU. Em casa só uso TU. TU é pra gente mais da idade de gente e VOCÊ é pra pessoa de idade mais elevada que a nossa.

Informante 13:

É o meu jeito de falar. Eu me criei falando VOCÊ. Então me acostumei falar VOCÊ. Qualquer pessoas que eu veja que tem mais nível, então eu falo mais VOCÊ e os que eu vejo que tem menos nível, então eu falo o TU. É mais o meu jeito de ser. Pessoa do meu nível é TU. Com desconhecidos eu uso VOCÊ. Aqui na escola eu uso tudo TU porque é bem íntimo da gente. Eu acho que VOCÊ é um modo melhor de se falar com as pessoas. É mais educado.

Informante 14:

(Apresentado no trabalho).

Informante 15:

Aqui a gente usa TU, mas, às vezes, a gente vai falar com uma pessoa, a gente não sabe quem é. De repente, agente pode até usar o TU ou VOCÊ. Eu acho que VOCÊ é mais... O TU é mais pesado. Mas como é... a gente tem que usar mesmo. É 2ª pessoa, mas às vezes, dependendo da pessoa, a gente usa VOCÊ. Pra pessoa mais velha a gente usa SENHORA, SENHOR. Eu, pelo menos, né? Quando eu acho que é uma pessoa de fora, uma pessoa que eu não conheço, né? porque vem muito turista aqui também, né? E conversa muito com a gente e chama sempre a gente de VOCÊ e tal. Então a gente também quando vai... às vezes... não que a gente use necessariamente o VOCÊ, mas a gente às vezes, vai falar e sem querer usa o VOCÊ, mas mais por influência. Eu acho o VOCÊ

mais apropriado, menos agressivo. O TU é muito agressivo, impõe muito. Em casa uso os dois, mas quando falo VOCÊ, eles não gostam. Eles acham que eu... seria uma forma irônica de falar. Meu filho diz assim pra mim: "Mãe, que mania de ficar falando VOCÊ, VOCÊ, VOCÊ".

Informante 16:

A gente tem o nosso estilo de falar. Cada um tem seu estilo diferente de falar. Eu uso o VOCÊ muito porque a gente trabalha com tanta gente e acho que pega aquele hábito. Em casa só uso VOCÊ. É rara vez chamar a pessoa de TU. VOCÊ é mais bonito. TU não fica bem.

Informante 17:

Não sei explicar. Parece que o VOCÊ fica meio formal e o TU mais íntimo, mais comum. Com pessoas desconhecidas eu uso o TU ou SENHOR. VOCÊ, não.

Informante 18:

Geralmente aqui é mais a palavra TU que se dá, né? É costume também. Pra mim não tem diferença entre eles. Às vezes, eu chamo VOCÊ, mas pra mim representa quase o TU. VOCÊ é mais educado, mas por causa de nossa educação a gente fala TU.

Informante 19:

Eu uso o VOCÊ também. Acho que não tem diferença. Se é da mesma idade: TU, VOCÊ. Se é de idade mais avançada eu uso SENHOR, SENHORA, SENHORITA. Acho que quando a gente tá conversando com uma pessoa, a gente pode tratar TU. O por que, a gente não sabe.

Informante 20:

Eu uso o VOCÊ porque eu acho... não sei... já vem assim da rapaziada, da juventude é costumada a chamar TU, né? É muito difícil eu usar o TU. Eu gosto mais de VOCÊ, MINHA TIA, MEU IRMÃO... Eu uso VOCÊ mais com pessoas que eu não conheço.

Informante 21:

É comum o VOCÊ, eu acho. Em casa só uso TU mesmo. Pessoas defora eu uso VOCÊ só. Se dá melhor, né? É mais educado. Depende do formato da pessoa. O TU é mais falta de respeito.

Informante 22:

(Apresentado no trabalho).

Informante 23:

Eu acho que usar VOCÊ depende da Universidade: VOCÊ isso, VOCÊ aquilo. Parece o TU assim muito agressivo. Talvez vá se dirigir a uma pessoa, é sempre mais educado usar o VOCÊ. Não sei se é termo de educação, não. Também a educação que a gente recebe, né? TU, TU. É SENHOR(A), TU, VOCÊ. TU dá impressão que é falta de educação. Então quando a gente se dirige a outra pessoa é SENHOR(A), é VOCÊ. O TU parece que é uma coisa mais grosseira e o VOCÊ uma coisa mais respeitável.

Informante 24:

O pessoal da Ilha geralmente fala TU. Aí, quando lembra se vai perguntar uma coisa, a gente sempre usa VOCÊ. Eu, por exemplo, quando eu falo com uma pessoa que eu não conheço, ou que tem mais cultura, eu procuro empregar o VOCÊ. O TU é mais natural, mas acho mais bonito quem fala o tratamento VOCÊ.

Informante 25:

Nunca parei pra pensar nisso. Eu falo VOCÊ até sem perceber. É possível que seja por influência de fora. Geralmente, quando é uma pessoa desconhecida sempre uso um pouco de formalidade - uso VOCÊ. Uma pessoa de formação maior a gente usa, inconscientemente o VOCÊ. É mais educado.

Informante 26:

Não sei qual a diferença. Acho que **não** tem nenhuma.

Informante 27:

Usar o TU é difícil, mas uso com colegas com quem eu cresci junto. Depende da formação de cada família. Na escola aprendi que o TU era falta de educação.

Informante 28:

(Apresentado no trabalho).

Informante 29:

Olha, não vejo muita diferença, não. Sei que usamos muito o TU, mas acho que por hábito mesmo nosso, só isso.

Informante 30:

Considero o VOCÊ uma forma mais formal de tratar as pessoas e o TU uma forma comum de tratamento.

Informante 31:

A diferença que eu acho que existe entre TU e VOCÊ é que TU é mais usado no meio da nossa família, dos amigos da gente, mas o VOCÊ a gente usa muito mais com gente de outros lugares,

que a gente não conhece.

Informante 32:

Não sei explicar qual que é a diferença. Não tem nenhuma, tem?

Informante 33:

Sem dúvida, acho VOCÊ muito mais educado e menos rude que o TU. Eu penso que o TU não é pra usar com estranhos. Sei lá, não pega bem. Além disso, o VOCÊ serve muito bem pra ficar no lugar do TU quando a gente quer falar com alguém desconhecido.

Informante 34:

Pra mim todos são certos. Uso muito o TU aqui na Ilha por que eu nasci aqui, claro, e a gente usa muito. Acontece que a gente recebe tanta influência de estranhos do Rio, São Paulo, sei lá, que a gente acaba falando com VOCÊ. Eu não sei eu falo VOCÊ com frequência.

Informante 35:

VOCÊ pra mim é bem comum. Eu uso TU também, mas acho que uso mais o VOCÊ mesmo. SENHOR, SENHORA, é claro, eu também uso com pessoas de respeito que têm mais idade. Eu acredito que é por causa da criação que a gente recebe, sabe?

Informante 36:

Os jovens falam muito TU, TU. A gente acostuma a ouvir tanto VOCÊ também que fica falando depois assim. Tem a televisão, não é? Os noticiários, as novelas também. A gente repara o modo deles falarem que é com VOCÊ muitas vezes. Eu nem sei se escuto Tu na televisão.